



# PAZ e BEM

Edição Março/Abril  
Ano 61 - Nº 362

ORDEM FRANCISCANA SECULAR (OFS DO BRASIL)

O que andamos  
*fazendo*  
de nossas *Vidas?*

## ORAÇÃO DA MANHÃ DE PÁSCOA

**Dá-nos, Senhor, a coragem dos recomeços.  
Mesmo nos dias quebrados, faz-nos descobrir  
limiares límpidos.  
Não nos deixes acomodar ao saber daquilo que foi:  
dá-nos a largueza de coração para abraçar aquilo que é.  
Afasta-nos do repetido, do juízo mecânico  
que banaliza a história pois a desventra  
de qualquer surpresa ou esperança.  
Torna-nos atônitos como os seres que florescem.  
Torna-nos livres, deslumbrantemente insubmissos.  
Torna-nos inacabados como quem deseja e de desejo vive.  
Torna-nos confiantes como os que se atrevem  
a olhar tudo, e a si mesmos, uma primeira vez.**

José Tolentino Mendonça  
Um Deus que dança  
Paulinas, p.77



# EXPEDIENTE

**Ministra Nacional e Conselheira Internacional**  
Maria José Coelho (MS)

**Vice- Ministro**  
Marco Antônio Dias Rodriguez (RJ)

**Coordenador Nacional de Comunicação**  
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos (MG)

**Jornalista Responsável:**  
Leonardo Contin da Costa – MTB 6550/SC

**Auxiliar da Comunicação:**  
Bruno Pacheco

**Equipe de Elaboração**  
Aloysio de Mello Figueiredo Cerqueira (RJ)  
Daisy Lúcia M Ferreira (RJ)  
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM (RJ)  
Maria Conceição Messias (RJ)  
Vilma Aguiar de Oliveira (RJ)

**Correção:**  
Juliana Caroline Goncalves Almeida (SP)  
Aline Milani Romeiro Pereira (RJ)  
Antonio Julio Martins (SP)

**Redação e Administração**  
Ordem Franciscana Secular do Brasil (OFS)  
Adro de São Francisco. s/nº  
Bairro da Saúde - Rio de Janeiro- RJ  
Cep:20.081-290  
Site: www.ofs.org.br  
E-mail: pazebem@ofs.org.br  
Telefax: (21) 2240-4565/ (21)2516-3478  
Caixa Postal 50052- CEO: 20050-971

**Responsável pelas Assinaturas:**  
Bruno Pacheco  
Contato: 21-2240.4565 - 2516-3478  
E-mail: pazebem@ofs.org.br

**Assinatura Anual**  
R\$ 45,00 (Quarenta e Cinco)

**Formas de Pagamento:**  
- Cheque nominal a Ordem Franciscana Secular do Brasil, pagável no Rio de Janeiro.  
-Depósito em conta corrente:  
BANCO BRADESCO  
Agência 3176-3. Conta Corrente nº 13122-9  
BANCO DO BRASIL  
Agência 0392-1. Conta Corrente nº 0013.907-6  
-Diretamente no Secretariado Nacional da OFS

**ATENÇÃO: ENVIE O COMPROVANTE DE DEPÓSITO**

**Arte/Diagramação/Capa:**  
Ricardo Meneses  
ricardomeneses.adm@gmail.com

**Impressão:**  
WalPrint, Gráfica e Editora  
www.walprint.com.br

A Revista Paz e Bem não tem finalidade de lucro. Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

# SUMÁRIO

Tema da Capa:



Pág.  
06

## 04 - EDITORIAL

## 05 - PALAVRA DO CONSELHO

## 06 - TEMA DE ESTUDO

O que andamos fazendo de nossas vidas

## 08 - ENCONTROS COM O PAPA FRANCISCO

Evangelii Gaudium

## 10 - PALAVRA DE SÃO FRANCISCO

Os irmãos não se apropriem de nada, nem de lugar nem de coisa alguma

## 12 - TEOLOGIA FRANCISCANA

Garimpendo tesouros da teologia franciscana I

## 14 - ESPIRITUALIDADE

Cuidando de nossa espiritualidade com amor e respeito

## 16 - ATUALIDADE

Sobre máscaras e armaduras digitais

## 18 - ESPECIAL

Algumas reflexões sobre o sínodo para a Amazônia

## 20 - PALAVRAS DA FÉ

Discernimento

## 22 - GRANDES TEXTOS

Um dia uma bela luz vai brilhar

## 24 - FORMAÇÃO

O encontro interpessoal e os cinco níveis de comunicação

## 26 - RETRATOS DE NOSSA GENTE

Irmã Dulce

## 28 - DAQUELES QUE SERVEM

A secretária na fraternidade local

## 30 - NOSSO PATRIMÔNIO

Importância espiritual do santuário de São Damião

## 32 - JUFRA / OFS

Formação: Estudo, Espiritualidade e Resistência

## Paz e bem, prezados (as) e irmãos (as)!

Cá estamos nós mais uma vez com a nossa revista Paz e Bem! Mês após mês, visitamos a casa de todos vocês com a melhor mensagem do nosso coração.

O presente número abrange os meses de março e abril. Para nós é tempo de quaresma, tempo de revisão de vida, tempo de ir para o deserto, tempo de subir a montanha da transfiguração, tempo de preparar o coração para o esplendor da luz pascal.

Nossa revista não consegue dar toda receita para bem viver este tempo. Temos, no entanto, certeza de que estas páginas poderão ser extremamente úteis para cada um de vocês. Todos poderão aproveitar temas que ajudam a chegar à Páscoa.

Que os irmãos não se apropriem de nada, sejam seres leves., cuidadosos com a nossa espiritualidade, o tema do discernimento.

Esperamos, sinceramente, que todas as nossas fraternidades franciscanas seculares possam explodir de alegria e júbilo na noite pascal. Estamos todos convencidos de que o ponto mais alto da vida da Igreja, das celebrações da nossa mãe Igreja, é a vigília pascal. Desejamos ardentemente que nossos irmãos caminhem no tempo da quaresma purificando seu olhar, ajoelhados diante de Cristo, abandonado no alto da cruz, mas ressuscitado na luminosa manhã de Páscoa.

Brota uma vez mais do nosso coração o grito de Francisco: o amor não é amado. E continua o nosso enamoramento por Cristo Jesus.



Com todo carinho,  
A redação.

### Ordem Franciscana Secular do Brasil Conselho Nacional Triênio 2018 - 2021

<b>Maria José Coelho</b>	Ministra Nacional e Conselheira Internacional	coelhozeze@yahoo.com.br
<b>Marco Antônio Dias Rodriguez</b>	Vice-Ministro Nacional e Conselheiro Internacional Suplente	marcoadrodriuez.ofs@gmail.com
<b>Jucilene Caldas da Silva</b>	Conselheira Nacional para Área Norte	cilene_caldas@hotmail.com
<b>Paulo Gomes Mesquita</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste A	pazebemofs@hotmail.com
<b>Ebevaldo Oliveira do Nascimento</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste B	ebevaldo@hotmail.com
<b>Clodoaldo dos Santos</b>	Conselheiro Nacional para Área Centro - Oeste	clodaldo@escolaimaculada.com.br
<b>Maria Lúcia de Jesus Barbosa</b>	Conselheiro Nacional para Área Sudeste	luciamariam@yahoo.com.br
<b>Aura Lana dos Reis Kamradt</b>	Conselheira Nacional para a Área Sul	aura.karadt@gmail.com
<b>Antônio Julio Martins</b>	Secretário Nacional	ajmartins@terra.com.br
<b>Felipe Paiva</b>	Tesoureiro Nacional	tesourariaofsbr@gmail.com
<b>Mayara Ingrid Sousa Lima</b>	Coordenadora Nacional de Formação	mayaingrid@yahoo.com.br
<b>Márcio Bernardo de Oliveira Ramos</b>	Coordenador de Comunicação	m3bernardo@gmail.com
<b>José de Ribamar Castro</b>	Assessor Jurídico	castrjd@uol.com.br
<b>Helmir Soares da Silva</b>	Animador Fraternal Nacional para JUFRA	helmir.sadia@hotmail.com
<b>Irmã Viviane Ramos da Costa, FDM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	irvivifdm@hotmail.com
<b>Frei Francisco Alberto Bindá Libório, TOR</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	novoemailfco@yahoo.com.br
<b>Frei Arnaldo Cesar Rocha, OFMConv</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	freiarnaldoconv@gmail.com
<b>Frei José Maria Maia de Lima, OFMCap</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	frzemia@gmail.com
<b>Frei Túlio de Oliveira Freitas, OFM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	tulio.defreitas@hotmail.com
<b>Aluisio Victal</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	aluisio.victal@gmail.com
<b>Joseval Ferreira Ramos</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	jvalramos1@gmail.com
<b>Maria Izabel</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	bel.barbosa1000@outlook.com
<b>José Douglas Soares Cordeiro de Souza</b>	Secretário Fraternal (Presidente) Nacional da JUFRA do Brasil	josedouglas_cordeiro@hotmail.com
<b>Nunes Dantas da Silva</b>	Conselho Fiscal Suplente	nuneso@yahoo.com.br
<b>Mário Zanchetta Sobrinho</b>	Conselho Fiscal Suplente	mariozancheta@terra.com.br
<b>Cleide Aparecida Marchi</b>	Conselho Fiscal Suplente	capmarchi@terra.com.br

# PALAVRA DO CONSELHO

**E**u sou Helmir José Soares da Silva, nasci em Caruaru-PE, tenho 48 anos e sou casado há 15. Do relacionamento com Maria da Conceição nasceram dois filhos maravilhosos: Helmir Júnior e Hugo Gabriel. Atualmente residimos na cidade de Trindade-PE, na região do Sertão do Araripe.

Minha caminhada franciscana iniciou como vocacionado capuchinho no ano de 1989, na Província dos Frades Menores Capuchinho do Nordeste do Brasil, que me permitiu um conhecimento deste grande Ideal Franciscano de Vida, mas na dimensão religiosa consagrada. No ano de 1991 fui admitido como postulante em Maceió. Em 1992 realizei o segundo ano do postulante em Ouricuri-PE, quando fiz a minha primeira experiência com a JUFRA local. Em 1993 iniciei o meu noviciado, que foi um momento de crescimento pessoal e espiritual. Ao final deste último ano fiz a minha Profissão Temporária, me tornando um Frade Capuchinho.

No ano de 1994, já morando em Recife, como pós-noviço tive a oportunidade de conhecer a OFS, me tornando Assistente Espiritual da Fraternidade de Paulista-PE, e, também, fui nomeado Assistente Espiritual da JUFRA de PE/Al. Foi a partir desta experiência que conheci a dimensão secular do carisma franciscano.

Após vários questionamentos, buscando o meu discernimento vocacional, e por ter conhecido a dimensão do carisma franciscano secular, resolvi, deixar a Ordem dos Frades e assumir minha caminhada secular, inicialmente pela Juventude Franciscana e, no dia 13 de maio do ano de 2000, fazendo minha profissão definitiva na OFS.

No ano de 2019 fui indicado pela JUFRA do Brasil e nomeado pelo Conselho Nacional da OFS como Animador Fraternal Nacional para o triênio 2019-2022, juntamente com Gleice Francisca Pereira da Silva e Juliana Caroline Gonçalves Almeida formando assim a Equipe de Animação Fraternal Colegiada e Integrada, que tem como objetivo facilitar a missão da Animação Fraternal neste imenso país, contribuindo assim para um efetivo trabalho de aproximação e uma presença afetiva junto das fraternidades e dos jufristas.

A responsabilidade do serviço de Animação Fraternal pertence à fraternidade da OFS inteira que, através do exemplo dos irmãos e irmãs, deve criar as condições adequadas para comunicar a espiritualidade franciscana secular aos jovens. O Animador Fraternal, através da partilha da sua vida e presença com a juventude em nome da OFS, entrega corpo e vida a este serviço.

Ser Animador Fraternal é ter convicção de sua vocação franciscana secular e testemunhar esta mesma vocação aos irmãos(ãs) jufristas, construindo pontes e não muros. É servir como instrumento de comunhão entre OFS e JUFRA em todos os níveis, participando e acompanhando, com grande carinho, o dia-a-dia das fraternidades de JUFRA e de cada jufrista, criando uma relação onde o diálogo seja uma constante e os laços fraternos fortalecidos.

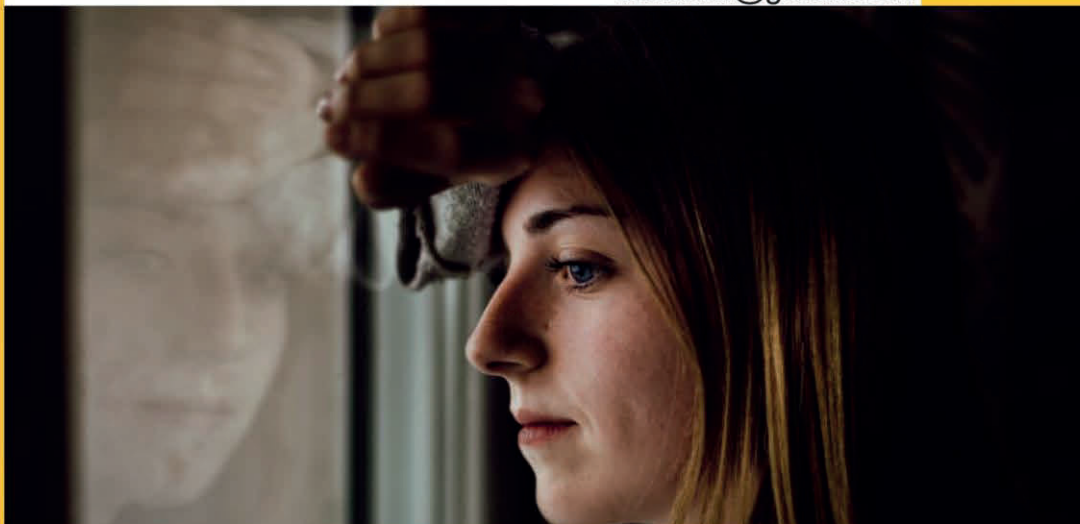
Desse modo, como dizem os nossos documentos, "é impossível imaginar a JUFRA afastada da OFS, da mesma forma é difícil pensar a OFS sendo indiferente à JUFRA".

**Helmir Soares da Silva**  
Animador Fraternal Nacional para JUFRA



## Tema de Estudo

# O que andamos fazendo de nossas vidas?



*Hoje não há ambiente protegido. Desde a sua infância o homem é lançado no mundo onde todas as opiniões, todas as crenças e todos os sistemas de valores se combatem abertamente. Neste mundo pluralista, a fé não pode ser simplesmente uma lição aprendida. Ela exige a escolha de valores, aprofundamento na existência. Está, portanto, ligada ao caminhar do homem. E ninguém pode fazer esta experiência em nosso lugar.*

1. Somos seres únicos, homem e mulher, nascidos numa família marcadamente carinhosa ou não, com exigências ou mais liberal, vivemos encontros, festas de aniversário, sepultamento de pessoas queridas, missas de sétimo dia, natal e carnaval. Aos poucos fomos nos dando conta de que éramos gente. Poderosos e frágeis. Ora rindo, ora com apertos no coração, ora sonhando. Caniço sim, mas caniço que pensa. Gente. Com pernas, braços, sonhos, inteligência e coração. Gente projetada para o amanhã.

2. Inquietações... De onde venho? O que é viver? O que fazer de meus dias? Para onde vou? Somos mistérios ambulantes. Sentimos que precisaríamos aprender um jeito de viver que fosse respondendo a algumas destas perguntas. Pelo menos a algumas, queremos ser seres decentes que possam e saibam conviver com outros mistérios ambulantes. Não queremos viver por viver. Não queremos gastar bobamente o tempo da vida.

3. “Passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informações que nunca chegamos a aprofundar. Tudo transita num galope ruidoso, veemente e efêmero. Na verdade, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver. Uma alternativa

será resgatar a nossa relação com o tempo. Por tentativas, por pequenos passos. Ora, isso não acontece sem um abrandamento interno. Precisamente porque a pressão de decidir é enorme, necessitamos de uma lentidão que nos proteja das precipitações mecânicas, dos gestos cegamente compulsivos, das palavras repetidas e banais. Precisamente porque nós temos de desdobrar e multiplicar, necessitamos reaprender o aqui e agora, reaprender o inteiro, o intacto, o concentrado e o uno” (José Tolentino Mendonça).

4. Vivemos, não poucas vezes, uma misteriosa insatisfação existencial. Há um Tu a nos espreitar, a balbuciar dentro de nós e que, se bem entendemos, ele anda querendo viver intimidade conosco. Em certos momentos de nossa caminhada temos certeza da presença do Mistério. Agostinho de Hipona foi tocado por este Mistério. “Tarde te amei, beleza plena... estavas em mim e eu fora de ti”.

5. Um amigo, um retiro, um livro, um sucesso ou um fracasso, uma pessoa profundamente boa, uma página do Novo Testamento, o nascimento de um filho ou a morte de um ente muito querido podem nos acordar e sacudir interiormente. Sentimos claramente que não podemos



apenas “ter uma religião”, rezar e cumprir o preceito da missa dominical. Ouvimos mesmo com nitidez: “Vem e segue-me”. Olhamos para Jesus de maneira diferente e ele nos olha com insistência. Estávamos como que encurralados. Momento da graça. Uma escolha se nos impunha.

6. Tratava-se de operar uma transformação. Começamos a questionar nosso jeito de viver, de conviver, de trabalhar, nossa vida afetiva, o ser pai ou ser mãe, nosso posicionamento frente aos bens, ao dinheiro e nossos projetos do amanhã. Havia urgência de que tudo fosse diferente. Mudança. Doce tornando-se amargo e amargo, doce. Conversão. Evangelho vivo.

7. Passamos a chamar Jesus de Mestre, Mestre da vida, Mestre que nos permite viver em plenitude. Mestre que passamos a amar, porque somos amados por ele. Uma alegria foi se apossando de nós. Veio o tempo de colocar os pés nas passadas do Mestre. Mestre e discípulos. Se, nesse momento, alguém pedisse nossa carteira de identidade simplesmente diríamos: “Sou discípulo de Jesus vivo, que me chamou para seu seguimento”. Nada mais de ritos automáticos e de comportamentos aparentemente correto. Busca da verdade de nós mesmos.

*Estar com eles. Bondosa e gratuitamente. Com nosso olhar dizer-lhes que eles existem e valem muito. E nossa vida seria então dizer ao mundo, com companheiros de fé, que o Amor precisava ser amado. Nada de doutrinação. Proximidade. Presença.*

8. Os outros, os outros foram penetrando em nosso universo existencial... os de perto, os de casa, os colegas de trabalho, os companheiros de fé, as crianças, os jovens tatuados, as mulheres de roupa simples e

chinelo de dedo... os idosos... os leprosos da pele e os de coração maculado. Estar com eles. Bondosa e gratuitamente. Com nosso olhar dizer-lhes que eles existem e valem muito. E nossa vida seria então dizer ao mundo, com companheiros de fé, que o Amor precisava ser amado. Nada de doutrinação. Proximidade. Presença.

9. De tanto ouvir falar de Francisco de Assis pode ser que nasça ou tenha nascido em nós o desejo de seguir Jesus à maneira de Francisco de Assis. Francisco foi talvez um dos poucos ou o único que reescreveu o Evangelho em sua vida, um ser único, sem resquícios de vaidade, livre de amarras, liberto como um pássaro, amigo do Altíssimo, que ama o Senhor como um serafim, alguém que tinha olhos atentos e bondosos para tudo que o cercava. Podemos querer ser cristãos franciscanos, segui-lo em companhia de irmãos e irmãs deixando-nos impregnar de sua vida, seus escritos, as regras que escreveu e as exortações que deixou. Pode ser que sejamos profundamente tocados pelo seu Testamento.



Encontros  
com o Papa  
Franciscus

Uma paróquia

## Renovada e Alegre

*Nunca é demais refletir sobre o que o Papa nos propôs com a Exortação apostólica Evangelii Gaudium (EG): uma Igreja missionária, em saída, com as portas abertas e que saiba anunciar a todos a alegria do Evangelho. O Espírito de missão é o coração do texto, que nos propõe uma nova etapa evangelizadora, caracterizada pela alegria.*

O Papa nos convida a “recuperar o frescor original do Evangelho”, encontrando “novas formas” e “métodos criativos” (EG11). Precisamos de uma “uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como elas são” (EG25) e uma “reforma das estruturas” eclesiais para que “todas se tornem mais missionárias” (EG27). Nesta renovação, desde que preservados os costumes diretamente ligados ao núcleo do Evangelho, podem-se rever costumes da Igreja, inclusive alguns dos quais profundamente enraizados ao longo da história” (43).

Há vários anos o Papa Paulo VI afirmou que o apelo à renovação não se dirige apenas aos indivíduos, mas à Igreja inteira: «A Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério (...). Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5, 27), com o rosto real

que a Igreja apresenta hoje. (...) Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de emenda dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de Si mesmo» (EG26).

Disse ainda São João Paulo II: «toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial». Deve-se buscar uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG27).

Nessa renovação, a Paróquia como estrutura eclesial básica, deve propor-se a mudanças. O número 28 da EG trata especificamente sobre ela

• A paróquia possui uma grande plasticidade e pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade.

• Se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas». Isto supõe que esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos.

• A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização.

• É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário.

• Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e





participação e orientando-as completamente para a missão.

Num país tão grande e diverso como o nosso, e com uma grande variação no tamanho das cidades, rurais e urbanas, pequenas e grandes metrópoles, é de se esperar que tais diferenças se reflitam nas características de nossas paróquias. Mesmo assim podemos refletir sobre elas:

Nossas paróquias têm se renovado? O que mudou e o que ainda precisa ser mudado?

Sentimos em nossa paróquia um ambiente de família? Nos conhecemos e convivemos, ou apenas nos encontramos aos domingos?

Em nossas paróquias há pessoas que se sentem as escolhidas e que querem sempre ser a última palavra? Será que somos assim?

Somos agentes de evangelização? Aonde atuamos? Família, trabalho, relações sociais?

Além de paroquianos, pertencemos à OFS. O que fazemos enquanto franciscanos seculares em nossas paróquias? As nossas Constituições Gerais mostram como nos inserir na paróquia:

#### ARTIGO 102

*1. As Fraternidades eretas em uma Igreja paroquial procurem cooperar na animação da comunidade paroquial, da liturgia e das relações fraternas; integrem-se na pastoral de conjunto com preferência pelas atividades mais*

*O nosso ideal cristão no mundo atual nos desafia também a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual.*

*conformes com a tradição e a espiritualidade franciscana secular.*

*2. Nas paróquias confiadas a religiosos franciscanos as Fraternidades constituem, no exercício de fecunda reciprocidade vital, a mediação e o testemunho secular do carisma franciscano na comunidade paroquial. Por isso, cuidam, unidos aos religiosos, de difusão da mensagem evangélica e do estilo de vida franciscano.*

A partir deste artigo das Constituições Gerais, podemos refletir novamente:

Cooperamos e estamos integrados às atividades paroquiais? Privilegiamos atividades mais relacionadas à espiritualidade franciscana?

Como nos relacionamos com nossos irmãos da Primeira Ordem em nossas paróquias franciscanas? Temos atividades conjuntas e momentos de convívio?

Certamente, ao refletirmos as questões acima encontraremos pontos positivos de nossa paróquia e nossa atuação nelas, mas também veremos que há mudanças necessárias. Começemos por nós mesmos, buscando adequar o nosso comportamento às propostas do Papa e de nossa Espiritualidade Franciscana Secular.

Nossa vida cristã e franciscana, no mundo em geral e nas atividades paroquiais na perspectiva da renovação, passa pela renovação de nossas relações pessoais. Num

tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação alcançaram grande progresso, é necessário redescobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-se, encontrar-se, apoiar-se, numa experiência de fraternidade (EG87).

O nosso ideal cristão no mundo atual nos desafia também a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos escapam dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou juntos aos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Preferem um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, e relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem ligar e desligar à vontade. No entanto, o Evangelho nos convida a abraçar o risco do encontro com o outro, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria, permanecendo lado a lado. A fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG88).

***Que nosso Pai Seráfico nos inspire a viver a alegria do Evangelho! Paz e Bem!***





*Palavra de  
São Francisco*



**OS IRMÃOS NÃO SE APROPRIEM DE NADA,  
NEM DE LUGAR,  
NEM DE COISA ALGUMA.**

(Regra Bulada VI)

*Um dos pilares da espiritualidade franciscana é a pobreza/minorismo. Francisco e seus irmãos eram peregrinos, com pouca bagagem, sempre em viagem. Nada tinham para si, nem lugar, nem bens. Eles são chamados até hoje de menores, e Clara e suas irmãs de Damas da Pobreza. Mas, por que tanta importância na pobreza?*

Como disse Frei Vitorio Mazzuco: “Ao falar sobre a Pobreza Franciscana estamos falando da Pobreza de São Francisco de Assis, pois somente ele viveu radicalmente a Pobreza. Os seus seguidores, em todas as Ordens, a seguem como Conselho Evangélico e como provocação espiritual, mas não conseguem ser pobres como ele foi pobre. Sempre haverá um confronto entre a pobreza em espírito e a pobreza material. Francisco de Assis viveu as duas dimensões”.

Pobreza opção: mesmo sendo radical, a pobreza de Francisco foi uma opção e não uma imposição. Para ele, o Cristo Pobre na Cruz foi seu modelo... como querer ter mais que Ele? Sua pobreza foi libertadora, permitindo uma entrega total a Deus e aos irmãos. Ele se fez pobre para buscar a riqueza essencial. A questão não é ter ou não ter riqueza, ser ou não ser pobre, a questão maior é ser livre diante de tudo isto.

Pobrezas e Pobreza: não podemos esquecer que a pobreza imposta não é positiva, vejamos a quantidade de

pessoas abaixo da linha de pobreza que existem no Brasil e em muitos outros países... não é uma pobreza de opção, mas de falta de opção. Como nosso Pai Francisco, com sua atitude, mostrou o caminho da pobreza evangélica, hoje o Papa Francisco reforça esse ideal, mas denuncia as desigualdades e a pobreza que bradam aos céus.

A pobreza como dom:

□ na Regra Bulada VI, Francisco apresenta dentro do seu projeto de vida a importância de uma vida pobre e desapegada: “Os frades de nada se apropriem, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma. E como peregrinos e forasteiros (cfr. 1Pd 2,11) neste século, servindo ao Senhor em pobreza e humildade, vão por esmola confiadamente, e não devem envergonhar-se, porque o Senhor se fez pobre por nós neste mundo (cfr. 2Cor 8,9). Esta é aquela eminência da altíssima pobreza que vos constitui, caríssimos irmãos meus, herdeiros e reis do reino dos céus, vos fez pobres de coisas e sublimou em virtudes (cfr. Tg 2, 5)”.

□ As biografias dele apresentam inclusive a sua gradual adesão à pobreza como um enamorar-se por uma Bela Dama: a Senhora Dona Pobreza!

□ Ao contrário de outras ordens religiosas da época, os franciscanos não poderiam aceitar doações nem ter posses, por isso foram chamadas de ordem mendicante. Isso se mantém ainda hoje a nível individual, mas enquanto instituição se permite a posse (a mudança começou ainda na época de Francisco... para sua tristeza!). No entanto, Clara e suas irmãs conquistaram e mantêm até hoje o Privilégio da Pobreza. Nelas sobrevive o ideal original de Francisco.

□ A pobreza, o desapego de tudo, inclusive de si mesmo, foi objeto da Admoestação 14 de São Francisco: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3). Muitos há que são zelosos na oração e no culto divino, e praticam muito a abstinência e mortificação corporal. Mas por causa de uma única palavra que lhes pareça ferir o próprio eu ou de alguma coisa



que se lhes tire, logo se mostram escandalizados e perturbados. Estes não são pobres de espírito, pois quem é deveras pobre de espírito odeia a si mesmo (cf. Lc 14,26; Jo 12,25) e ama aos que lhe batem na face (Mt 5,39)".

□ Francisco a chama de pobreza de espírito. Ele não condena a abstinência e mortificação corporal que tanto fez ao longo da vida (mas pediu perdão ao seu corpo pelos excessos no final da vida), mas indica que a pobreza maior é a interior, do

próprio eu, e o desapego, não se sentir dono de nada ou de ninguém.

□ Na Admoestação 27 ("Das virtudes que afugentam os vícios") ele cita novamente a pobreza: "Onde a pobreza se une a alegria, não há cobiça nem avareza".

□ Unir a pobreza e a alegria, uma pobreza que não gera tristeza, mas alegria, que nos livra de toda cobiça e avareza... essa é a Perfeita Alegria!

□ Em seu Testamento ele também fala sobre ela, recordando a Regra : 24 Cuidem os frades que de nenhum modo recebam as igrejas, habitações pobrezinhas e tudo que para eles se constrói, se não forem como convém à santa pobreza, que na Regra prometemos, sempre aí se hospedando como forasteiros e peregrinos (cfr. 1Pd 2, 11).

□ A pobreza manifestada pela ausência do sentimento de posse ... de nada, de lugar, de coisa alguma!

## A POBREZA DOS FRANCISCANOS SECULARES

E nós da OFS? Somos uma ordem, mas não fazemos os votos da vida religiosa, um deles o de pobreza. Ao contrário de nossos irmãos da primeira e da segunda ordem, somos

seculares, estamos no mundo, casamos, temos filhos, exercemos funções e cargos na vida civil.

□ A pobreza na Regra está apresentada nos artigos 10 e 11: seguir e testemunhar o Cristo pobre e crucificado (o fundamento da pobreza franciscana); procurar, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; portar-se como administradores dos bens recebidos; purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como "peregrinos e forasteiros" a caminho da casa do Pai.

A vivência deste espírito de pobreza está muito bem apresentada nos artigos 10 e 15 das nossas Constituições Gerais:

□ Artigo 10 « Cristo pobre e crucificado », vencedor da morte e ressuscitado, máxima manifestação do amor de Deus ao homem, é o « livro » no qual os irmãos, à imitação de Francisco, aprendem o porquê e o como viver, amar e sofrer. N'Ele descubrem o valor das contradições pela causa da Justiça e no sentido das dificuldades e das cruzes da vida de cada dia. Com ele, podem aceitar a vontade do

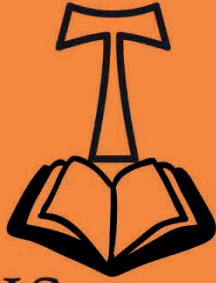
*Os franciscanos seculares se empenhem em reduzir as exigências pessoais para melhor poderem partilhar os bens espirituais e materiais com os irmãos, sobretudo com os mais carentes.*

Pai, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, e viver o espírito franciscano de paz, no repúdio de toda doutrina contrária à dignidade do homem (cf. Regra 10).

□ Artigo 15 - 1.

Empenhem-se os franciscanos seculares em viver o espírito das Bem-aventuranças e de modo especial o espírito de pobreza. A pobreza evangélica manifesta a confiança no Pai, põe em ação a liberdade interior e dispõe a promover uma mais justa distribuição das riquezas. 2. Os franciscanos, que mediante o trabalho e os bens materiais devem prover a própria família e servir a sociedade, têm um modo peculiar de viver a pobreza evangélica. Para compreender e colocar em prática requer um forte empenho pessoal e o estímulo da Fraternidade mediante a oração e o diálogo, revisão comunitária da vida, a escuta das indicações da Igreja e das exigências da sociedade. 3. Os franciscanos seculares se empenhem em reduzir as exigências pessoais para melhor poderem partilhar os bens espirituais e materiais com os irmãos, sobretudo com os mais carentes. Deem graças a Deus pelos bens recebidos, usando-os, como bons administradores e não como proprietários. Tomem posição firme contra o consumismo e contra as ideologias e as praxes que antepõem a riqueza aos valores humanos e religiosos e que permitem a exploração do homem.





# Garimpando tesouros da TEOLOGIA FRANCISCANA I

*Francisco deu impulso a um novo movimento evangélico no cristianismo.*

Alguns anos após sua morte, membros do movimento fundado por ele “já se formaram e participaram ativamente nas famosas universidades [...] grupo de filósofos-teólogos franciscanos que sintonizavam numa cosmovisão e num modo peculiar de ver a existência e de interpretar a vida e o que há e acontece nela”.

O século XIII foi tempo de “intensa fecundidade especulativa”, no qual se encontram obras-primas. É necessário evitar uma perspectiva reducionista dessa época e o anacronismo.

Na “escola franciscana”, há “um tronco comum e um modo peculiar de ver, de interpretar e de avaliar a vida e os problemas existenciais - Deus, o homem, o mundo a história”. Reina nessa família a máxima liberdade de pensamento, inclusive a oposição e, às vezes, a crítica aberta entre seus próprios membros”. No entanto, há uma sensibilidade intelectual surpreendentemente convergente. A escola franciscana não deve sua originalidade a uma temática própria, mas a uma “consistência vital”, intuitiva e sensitiva, que lhe oferece uma visão de mundo em sintonia com o fundador da Família. Trata-se de uma filosofia do homem (não de coisas), simples, imediata e coerente.

A “arqueologia” do pensamento franciscano “é Francisco de Assis e a experiência da primitiva Fraternidade”, [...] que condiciona e quase determina o conteúdo do pensamento elaborado posteriormente. O franciscanismo não é um sistema filosófico abstrato, mas

vivência, que partilhada, se torna convivência. Portanto, não é o pensamento franciscano que forma um estilo de viver, mas é a existência transformada em convivência que gera um pensamento. “O pensamento franciscano só resulta adequadamente compreensível se estudado e considerado a partir dessa perspectiva existencial”. Há uma unidade de pensamento, não no sentido formal, mas na “identidade de propósitos e na fidelidade ao espírito do Evangelho em cada pensador”.

Poderíamos falar de um “universo simbólico franciscano” que ordena a história e os acontecimentos numa unidade coerente que inclui o passado, o presente e o futuro. Esse universo simbólico franciscano é a matriz de todos os significados subjetivos e sociais, mas, além disso, é o que cria “uma sensibilidade na esfera do viver, um estilo no modo de ser e um entendimento no plano de interpretar”. A compreensão da realidade, “na filosofia franciscana

sublinha com força a categoria da presença e a defesa de uma ciência do ser concreto”.

Em resumo, diríamos que há seis pressupostos que condicionam e caracterizam, possibilitam e delimitam o franciscanismo de maneira mais determinante:

## **EXPERIÊNCIA VIVIDA.**

Primeiro viveram o relacionamento íntimo com Deus. Houve um encontro pessoal.

O estilo de vida em Fraternidade possibilitou maior interioridade. Não viveram em mosteiros isolados. Bem e mal foram experienciados no cotidiano. Foi a vivência do dia a dia que desembocou na sistematização da teoria.

A origem do pensamento dos mestres franciscanos foi a experiência de fraternidade.

De maneira análoga às primeiras comunidades cristãs - que primeiro viveram o seguimento de Jesus e, só mais tarde, escreveram



suas experiências para testemunharem aos que viriam as certezas de sua fé - nas primeiras Fraternidades Franciscanas se deram os acontecimentos que, depois, foram sendo registrados.

Portanto, ainda hoje, não se pode abraçar a vida franciscana sem o convívio fraterno e a partilha, que fazem parte de sua identidade.

### EXPERIÊNCIA CONTEXTUALIZADA

As ideias de uma pessoa ou grupo estão sempre relacionadas ao seu contexto histórico-social, tanto no aspecto social, como no pessoal. Assim ocorreu com o pensamento franciscano.

O franciscanismo relaciona-se à situação existencial em que brotou e floresceu. Seu momento fundacional localiza-se num tempo, espaço e circunstância, que correspondem à Idade Média. Esse é o grande e, talvez, o maior desafio para nós, que nos debruçamos, hoje, sobre o estudo da teologia franciscana. É muito difícil,

*Viveríamos, hoje, sem geladeira, sem comunicação em tempo real, sem “zaps”, celulares, “uber”, sem elevadores? Como seria nossa vida sem antibióticos, sem exames médicos sofisticados, sem próteses etc.? Aceitaríamos o desafio de viver assim?*

quase da ordem do impossível, nos colocarmos no horizonte medieval e pensarmos com as estruturas cognitivas, psicológicas, religiosas e sociais daquele período, em que se desconheciam tantas tecnologias e concepções científicas recentes. Precisaríamos compreender que muitos de nossos questionamentos contemporâneos seriam impensáveis para os medievais.

Viveríamos, hoje, sem geladeira, sem comunicação em tempo real, sem “zaps”, celulares, “uber”, sem elevadores? Como seria nossa vida sem antibióticos, sem exames médicos sofisticados, sem próteses etc.? Aceitaríamos o desafio de viver assim?

E para os medievais, criando seus porcos e suas aves, como seria

possível imaginar que se confinariam esses animais, alimentando-os com rações repletas de hormônio, para que se desenvolvessem mais rápido para o abate? Seria possível para eles imaginar que, perdendo a perna numa luta, poderiam usar prótese mecânica, eletrônica ou digital? Para eles, o que significaria uma fraternidade virtual? E um debate on line ?

A consciência desse grande desafio possibilita minimizar distâncias de tempo e espaço. Com essa consciência, que se faz imprescindível, podemos situar as ideias dos primeiros mestres do franciscanismo dentro da cultura medieval. Só assim podemos distinguir, dentro desse universo medieval, o que transcende ao medievo, apresentando-se como valor universal, válido para qualquer época. Se não conseguirmos fazer isso, como é possível viver o Evangelho?

**Fonte:** MERINO, José Antônio; FRESNADA, Francisco Martínez (org.) Manual de Teologia Franciscana.





## Cuidando de nossa espiritualidade com *amor e respeito*

*O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. (I Cor 13, 4-8)*

Retomando o tema de nosso artigo anterior, lembramos que a espiritualidade constitui o fio que tece nossa fraternidade e que os irmãos e irmãs “devem reverenciar-se espiritual e diligentemente e honrar-se mutuamente sem murmuração” (RnB 7, 15), pois amar é respeitar e o respeito é a primeira e mais elementar atitude nas relações interpessoais de uma Fraternidade.

O respeito fraterno tem raízes muito profundas, chegando ao mistério original do ser humano.

O homem e a mulher são a realidade mais sagrada da Criação. Somos imagem e semelhança de Deus; somos pessoa: um eu singular, diferenciado; um universo; uma experiência única e irrepetível.

Portanto, o “outro”; a outra pessoa é um mundo sagrado e merece mais que respeito, merece reverência, nos diz Francisco de Assis. Assim, a falta de respeito é também falta de

sabedoria. Isso, porque diante do desconhecido, a atitude acolhedora, respeitosa, prudente e sábia... é o silêncio.

Então, o respeito requer duas atitudes: uma atitude interior de veneração pelo mistério - mistério que é a irmã/irmão, como algo sagrado - e outra atitude exterior, que significa não se intrometer na vida do outro; quer dizer, não pensar mal; não falar mal.

Lucas cita a atitude de Jesus, que nos conduz a uma inquietadora reflexão:

“E aconteceu que, indo eles pelo caminho, entrou Jesus numa aldeia e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha ela uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importa que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude.

E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária. E Maria escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada” (Lc 10, 38-42).

Jesus não está incentivando Maria a não ser solidária à irmã, mas mostrando a Marta que ela, tão afobada em resolver questões temporais, está negligenciando o encontro pessoal com Jesus e, olhando para si mesma, em sua intenção de bem servir, não reconhece o mistério interior de sua irmã e, por isso, não consegue acolher e respeitar sua atitude.

Enfim, amar e respeitar é ser discreto e cortês, compreensivo e sereno.

A falta de respeito a irmãos e irmãs é o que chamamos de murmuração. A murmuração envenena rapidamente as melhores intenções de qualquer Fraternidade. Alastra-se como as epidemias.



Ninguém confia em ninguém. Ninguém é sincero ao falar. Há insegurança por todos os lados e o clima é de suspeita. Cada qual se fecha em seu interior, vive-se uma “paranoia” (um sentimento de perseguição) e surge a necessidade de fuga, de evasão, de abandono.

Quando nos sentimos realizados (as) não temos necessidade de intrometer-nos no universo do outro (a), sem ser convidados (as).

O respeito vem do interior e, por isso, as emoções agressivas só podem ser resolvidas em suas raízes: pela aproximação emocional com Jesus. Palavras e sentimentos destrutivos e hostis precisam ser silenciados junto de Jesus, numa intimidade orante.

Respeitar é amor oblato; homenagem oblata ao Senhor.

Só respeitamos o mistério de cada irmã e irmão se vemos nele ou nela o irmão Jesus.

São Paulo insiste: Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá;

*Nós, franciscanas e franciscanos seculares, professamos o artigo 13 de nossa Regra, que nos diz em seu primeiro parágrafo: Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho, Primogênito entre muitos irmãos, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo.*

mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. (Gl 6, 7-8).

Nós, franciscanas e franciscanos seculares, professamos o artigo 13 de nossa Regra, que nos diz em seu primeiro parágrafo: Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho, Primogênito entre muitos irmãos, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo.

O melhor jeito de acolher e respeitar é o silêncio.

Primeiro o silêncio interior, conforme o exemplo de Maria, guardando tudo na intimidade do coração, porque as rixas e discórdias nascem em nosso interior. E Maria

guardava todas essas coisas em seu coração (Lc 2, 19) Depois o silêncio exterior: **calar-se.**

Em nossas Fraternidades devemos procurar motivar o culto desse silêncio.

Uma das expressões mais seguras de maturidade é a capacidade de guardar silêncio sobre confidências, pequenas irregularidades observadas e informações fraternas.

Há que se distinguir e discernir bem os momentos de falar/participar e de calar.

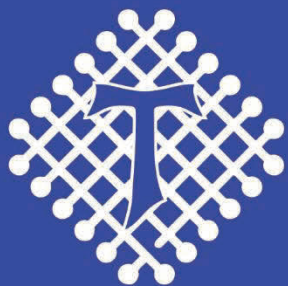
Tantas vezes fazemos o inverso: falamos e discursamos quando devemos calar e calamos quando devemos nos pronunciar, por fidelidade e respeito ao chamado de Deus e à nossa Profissão.

*Irmã, irmão, vamos descobrir São Francisco, porque nós estamos precisando disso não só para sermos franciscanos, mas até para sermos gente.*

**Recomeçemos, pois até agora pouco ou nada fizemos! (cfe. I Cel VI, 103, 6)**

**Fontes:** Larrañaga, Inácio - Suba comigo. São Paulo. Paulinas  
Entrevistas de frei José Carlos Pedroso – Centro de Espiritualidade Franciscana de Piracicaba





# *Sobre máscaras e armaduras digitais*

*Quase que inconcebível, na atualidade, a ausência das redes sociais. Somos no mundo e também somos nas redes. Através delas a pessoa se informa, troca mensagens, divulga ideias, debate crenças, expõe fotos e fatos, dentre outras tantas funcionalidades. Elas aproximam as distâncias, conectam as pessoas e, algumas vezes, até promovem enlances.*

Por redes sociais, em uma perspectiva digital, entende-se a aplicação que permite e possibilita a conexão de um ou vários tipos de relações, entre pessoas conhecidas ou não, inexistindo assim impedimentos quanto à formação desses vínculos. Para isso a pessoa criará uma identidade própria na rede social, selecionando as informações que considera as melhores sobre si e intercambiando rotineiramente o seu eu-virtual com o seu eu-real. “A internet e as redes sociais geraram uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, sendo uma ‘praça’ onde os jovens passam muito tempo e se encontram facilmente, (...) constituem uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber”.

Contudo, na abertura da caixa de Pandora, não apenas coisas boas saem da arca. “Os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações

interpessoais autênticas”. Assim, a realidade virtual pode conduzir a pessoa para uma profunda crise de subjetividade, ao que se necessita o maior cuidado.

Isso porque nas redes a pessoa cria uma personalidade e esta, algumas vezes, não se trata do que ela realmente é, contudo do que ela gostaria de ser. A palavra personalidade deriva do vocábulo latino *per sonare*, que se trata de uma máscara utilizada pelos atores dos antigos teatros grego e romano e que tinha por característica ampliar a voz de quem a utilizava. Eles utilizavam máscaras para justamente diferenciar o personagem que executavam da pessoa que realmente eram. Já nas redes sociais, muitas vezes, as pessoas utilizam a máscara que criam para esconder sua real personalidade. Escondem na maioria das vezes não dos outros, mas de si mesmos. Criam no virtual uma versão do que gostariam de ser e com isso relativizam ou vendam sua visão quanto a realidade de si mesmos.

Há outros ainda que utilizam a sua personalidade digital como armadura e as redes sociais, não

como praça pública, mas como arena para o embate. Enxergam neste espaço o ambiente ideal para a geração de conflito, projetando nele toda a belicosidade recalcada. Pelo fato de não haver um arcabouço regulatório sólido que reprima este gênero de condutas, esse tipo de pessoa reconhece nas redes a oportunidade de extravasar sua raiva interior que, no dia a dia, simula não existir.

Mas, como filhos e filhas de Francisco de Assis de que maneira devemos agir? Tomás de Celano conta uma interessante história sobre São Francisco. Certa vez, estando um inverno rigoroso e o Poverello muito adoentado, certo irmão que era guardião comprou para o santo uma pele de raposa e pediu que utilizasse por sob o hábito. Contudo Francisco reticente somente aceitou utilizar a pele caso outro pedaço de igual tamanho também fosse costurado do lado de fora. Como afirma o biógrafo, “no fim, o guardião acabou concordando e foi costurado um remendo por cima do outro, para não mostrar por fora o que não era por





dentro” (2Cel 130). Devemos nós franciscanos, nas redes, não mostrar senão outra coisa do que aquilo que realmente somos.

Esse é um primeiro ponto: ser no ambiente digital o mesmo que se é na realidade. E mais, se portar nas redes sociais circunscritos com o mesmo cingulo moral da regra de vida que fizemos voto em seguir. Desta forma, também nas redes sociais não devemos litigar nem contender com palavras, nem julgar os outros, mas precisamos ser “amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém” (RB 3, 10 e 11).

Por conseqüência, ou até por causa, temos que conformar nosso ser ao de Jesus, nosso modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma

radical transformação interior (ROFS 7). Para alcançar esta meta não podemos esquecer que nossa vocação de vida é amar o Amor, que é o próprio Vivente e que se reflete nos irmãos, sendo estes não apenas os nossos confrades, mas todos os tipos de pessoas, sem qualquer acepção. Justamente, ao professarmos a Regra, fizemos voto de acolher todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo (ROFS 13), bem como de procurar os caminhos da unidade e do entendimento fraterno mediante o diálogo (ROFS 19).

Nossa obrigação, no cumprimento do Evangelho, é impregnarmos e espraíarmos o amor, isso também em ambiente digital. Para isso não se pode deixar ludibriar pela

miragem de um ego autocentrado. O monge trapista Thomas Merton já ensinava: “Não posso me encontrar em mim mesmo, somente num outro. Meu verdadeiro sentido e valor me são mostrados não na avaliação que faço de mim mesmo, mas nos olhos daquele que me ama; e este deve me amar como sou”.

As redes sociais se apresentam para nós como desafio e campo missionário. Lá semeamos o amor, propagamos a concórdia, convidamos os homens à reflexão e à alteridade e enfrentamos o nosso próprio reflexo, seja nos outros, seja na ilusão da imagem que de nós fazemos. Contudo, seja no mundo digital ou real, jamais se deve esquecer nosso verdadeiro destino: o amor.

**Fonte:**

Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, 87.

Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, 88.

MERTON, Thomas. Amor e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Pg. 36.





Algumas

Reflexões Sobre

o Sínodo para a

AMAZÔNIA



*Em um outro momento, tivemos a oportunidade de refletir sobre os grandes desafios que significam a evangelização na região da Amazônia legal e porquê era tão importante este Sínodo. Para glória de Deus, e melhor anúncio de seu Reino entre os povos desta grande região, o Sínodo se deu muito exitoso em suas reflexões. Para alguns, as reflexões foram muito avançadas, para outros, poderiam ter avançado um pouco mais.*

Com certeza podemos fazer nossas reflexões sobre o que aconteceu no mês de outubro, em Roma. E muitas são as reflexões que tenho lido sobre o referido Sínodo. Antes das reflexões sobre o tema central desse encontro está a certeza de que necessitamos caminhar sempre mais como uma Igreja sinodal, que busca escutar as vozes das Igrejas Particulares de todo o mundo. Igreja que pode, e deve, ser diversa em seu jeito de ser e una em seu anúncio sobre o Reino de Deus.

O Sínodo foi um grande encontro, que buscou refletir sobre a realidade da Amazônia, diferente de outras partes do mundo e diversa em si mesma, e que, mesmo assim, contém muitos pontos de convergência. Foram 21 dias em um “clima de trocas abertas, livres e respeitadas entre bispos, pastores da Amazônia, missionários e missionárias, leigos e leigas, e representantes dos povos indígenas

da Amazônia” e representantes de outras denominações cristãs. Encontro respeitoso que pudemos verificar pelos meios de comunicações. Muitas imagens e vídeos circularam pelos sites oficiais da Santa Sé, das Dioceses ou das Congregações, Facebooks de participantes etc.

O Documento Final do Sínodo centra maior esforço em fazer um diagnóstico amplo de toda a situação da Amazônia, nas questões culturais, ecológicas, sociais e pastorais. Dessa forma, confirmamos o que o próprio texto nos afirma, que a Igreja é aliada do mundo amazônico, não podendo fechar-se em uma forma de viver a fé alheia à realidade da vida do povo a que serve.

Dentre outros aspectos do “jeito de ser Igreja” que o mundo amazônico pede, o texto aponta para a busca de “uma Igreja indígena com os seus próprios sacerdotes e ministros sempre unidos e em plena comunhão com a Igreja Católica”, fortemente

baseada nas comunidades eclesiais de base. Isso não significa uma outra Igreja, uma vez que o termo católico significa universal. Este compromisso é o de cada Igreja Particular (Diocese) estar em comunhão com a Igreja Universal (Católica).

Pelo simples fato de a Igreja falar sobre o cuidado com a casa comum já temos muito “pano pra manga”, mas certos assuntos para alguns são mais polêmicos e foram apontados pelo Documento Final. Dentre eles estão o diaconato feminino, os padres casados e um rito indígena. Não temos espaço nesse texto para aprofundar cada tema, mas seguem algumas reflexões acerca dos mesmos.

Em verdade, as mulheres são os pilares de sustentáculo da vida de fé de nossas comunidades. Verdade também que ainda estão muito longe do poder decisório dentro de nossas Igrejas. As mulheres exercem um diaconato (serviço) silencioso e muitas vezes não reconhecido. Por isso



mereceu uma reflexão específica dentro do Documento no subtítulo “Presença e a vez da mulher”.

Sobre os padres casados, isso não seria nenhuma novidade na Igreja Católica Apostólica Romana, uma vez que para os católicos de rito oriental é comum. Muita gente confunde a possibilidade do sacerdócio para homens casados com bagunça e desvalorização do celibato. Devemos fazer as devidas distinções e procurar conhecer mais sobre nossa própria Igreja.

Da mesma forma sobre a possibilidade de um rito específico para os povos indígenas. Nossa Igreja é formada por 24 ritos diferentes. De maneira geral, no Brasil, somente conhecemos um. Mas mesmo aqui temos outros ritos e, se nos aprofundarmos mais nos estudos sobre nossa Igreja, e podemos conhecer tantos outros que existem pelo mundo. Sendo assim, um rito

*Estamos em comunhão com a Igreja Católica e com o Papa Francisco, ou nos isolamos em nosso egoísmo ou no egoísmo do grupo a que pertencemos?*

indígena ou amazônico seria algo para enriquecer nossa bela Igreja.

Alguns rápidos desdobramentos que a Igreja no Brasil percebeu foram a criação da nova Província Eclesiástica na Amazônia, arquidiocese de Santarém, da Diocese de Xingu-Altamira e da Prelazia Territorial Xingu-Tucumã e a possibilidade da criação de uma Conferência dos Bispos da Amazônia, extrapolando os territórios nacionais e criando vínculos mais efetivos entre os bispos, o clero, religiosas(os) e os leigos e leigas dessa grande região.

Uma outra grande notícia é a criação de um departamento na Santa Sé, dentro do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Integral, que está sob os cuidados do Cardeal

Peter Turkson, para zelar sobre os assuntos relacionados a Amazônia. Elemento esse que foi proposto no texto do Documento Final no n. 84.

Todavia, este texto é apenas um aperitivo para que busquemos conhecer um pouco mais sobre o Sínodo para a Amazônia. Para aprofundar sobre o tema, se pode recorrer ao site da REPAM ou a outras fontes confiáveis. E para ajudar, pessoal ou fraternalmente, sugerimos responder às seguintes perguntas:

Estamos em comunhão com a Igreja Católica e com o Papa Francisco, ou nos isolamos em nosso egoísmo ou no egoísmo do grupo a que pertencemos?

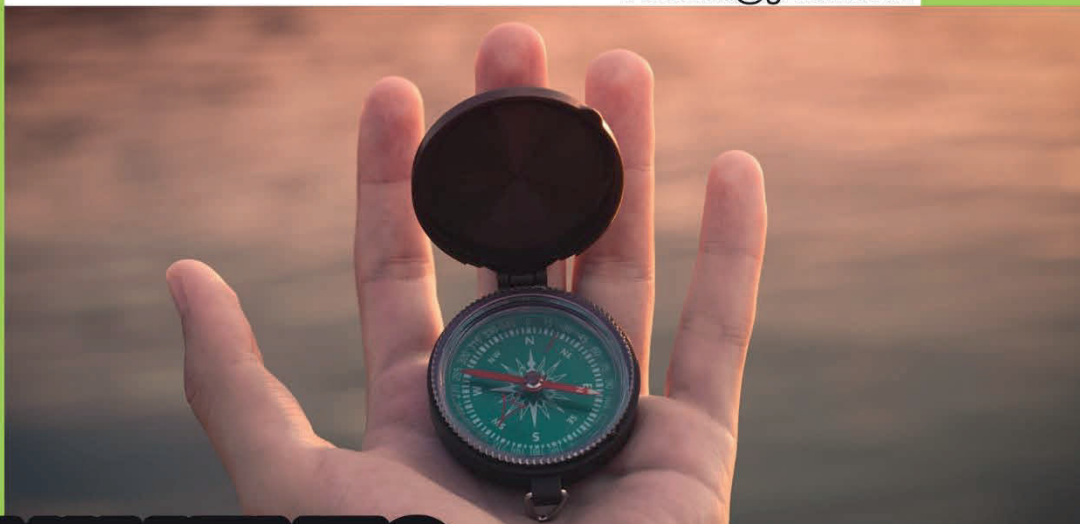
Estamos propostos a viver verdadeiramente uma Igreja comprometida com o Reino de Deus, em suas múltiplas formas, inclusive com a natureza, a casa comum, ou nossa fé está presa dentro da Igreja, templo de pedra?

**Fonte:**

Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Ibidem 27.



## Palavras de FΣ



# DISCERNIMENTO

*Sem pessoas com espírito crítico a sociedade não avança e vai se instalando na rotina e na vulgaridade. Sem pessoas críticas conformamo-nos com muito pouco e dormimos na indolência.*  
Joan Bestard

- Discernir, tentar ver claro, exercitar-se no mistério de ler os sinais dos tempos, pensar, iluminar nossa vida pessoal, nossos passos na busca de nosso ideal cristão. Não seguir a onda. O dicionário aponta discernir como um verbo: discriminar, separar, distinguir, ver claro. Discernir significa direcionar, avaliar a natureza ou o valor de alguma coisa, distinguir o verdadeiro do falso. Pelo discernimento pesamos escolhas que podem ser feitas e avaliamos parte da caminhada humana e cristã que estamos a empreender. Discernir tem a ver com balanço. Reclama reorientação da rota. Queremos buscar aquilo que constrói o nosso eu mais profundo e nos permita colaborar para a criação de uma terra vivível, habitável segundo os adoráveis sonhos do Criador. Digamos de imediato e com força que o Espírito Santo é o Mestre do discernimento.

- Jean Guitton, grande intelectual cristão leigo, em oração dirigida ao Espírito, afirma: “Espírito Santo, tu és o inspirador de tudo o que começa, conferes paciência no tempo dos atrasos, ajuda-nos a começar incessantemente e levar a termo aquilo que começamos, que sejas o hóspede invisível, o hóspede desconhecido de toda a história humana”.

- Mudanças profundas, transformações inimagináveis em todos os campos do agir humano: vida de família, ser homem e ser mulher, meios de comunicação, ideologias e comportamentos. Sem exageros vivemos um tempo refratário a acomodações preguiçosas. Clama-se pelo novo. Ou, o novo não nos deixa sossegados. Transformações profundas em nossa maneira de viver a fé e de sermos franciscanos e franciscanas. Não dá para

vivermos como sempre se viveu. O Papa Francisco não cessa de pedir a audácia da saída.

- Vivemos tempo de lusco-fusco e neblina. As nuvens demoram a serem sopradas pelo vento. Precisamos discernir o vulto que se desenha diante de nossos olhos no fim da estrada: uma animal atravessando a pista, um carro com os faróis apagados ou simplesmente uma sombra projetada no asfalto? O que está à nossa frente? Discernir é tentar ver claro exige trabalho, reflexão, desapego, silêncio e diálogo, busca de parâmetros que nos permitam continuar com sucesso a aventura da vida. No seio da Igreja descobrir para onde o Espírito a leva.

- Não podemos renunciar a pensar: “Tornar-se adulto é levantar o véu e descobrir que o que parecia puro e perfeito está repleto de fendas e impurezas. A tentação da inocência está sempre à espreita, mas aqueles que escolherem o caminho do pensamento já não poderão sucumbir a ela. Ao pensarmos já não podemos ser ingênuos, nem puros, nem crianças” (Francesc Torralba, O valor de ter valores, Vozes, p. 161). Refletir, pensar, eliminar a preguiça de pensar.

- Nada está definitivamente feito. Muita coisa precisa ser refeita. O novo está despontando. Precisa ser um novo que se apoie nos valores de uma legítima tradição: respeito, busca comum da verdade, hospitalidade, aceitação do diferente, solidariedade, convivência profunda. Discernir e pensar. Enfrentar a existência. Discernir é encontrar caminhos que nos tirem do caos.



## TENEMOS ENXERGAR EM MEIO AO NEVOEIRO:

o Optar pela vida em todas as suas manifestações, desde o ventre materno até o fim da vida. A vida das pessoas, a vida da natureza, a vida interior. Não aceitar qualquer forma de destruição. Vislumbrar por detrás das pessoas a vida em Deus ou Deus vivendo nelas. Discernir se estamos num processo de conversão, como Jesus pede.

o Discernir quanto possível da maneira mais claramente a hora de optar pelo casamento. Quem é ele? Quem é ela? Quais os valores que abraçam? São capazes de dom, respeitam os próprios pais? Não entrar ingênua e bobamente na vida conjugal e familiar.

o Discernir o momento de colocar um filho no mundo, preparar seu nascimento antes mesmo que o filho se instale no seio da mulher. Fazer convergir para os filhos energias interiores de verdade. Pensar em linhas gerais nosso projeto de paternidade e maternidade.

o Pensar e refletir e não entrar em esquemas de fuga, de busca de luzes falsas, de experiências exóticas nos diferentes campos da vida: futilidades, drogas, fascínio pelo poder, olhar superior lançado sobre os outros, vida banal em sociedade. Sempre questão de escolha e de discernimento.

o Procurar viver a partir de valores. Examinar se, em família, na vida de todos os dias, no dia a dia de nossas fraternidades franciscanas, somos iluminados pela

*“Precisamos atrever-nos a discernir o que há de verdade e o que há de mentira em nosso cristianismo: o que há de verdade e o que há de mentiras em nossos templos e em nossas cúrias; em nossas celebrações e em nossas atividades pastorais; nossos objetivos, projetos e estratégias. Não fechar os olhos.*

verdade, respeito, tolerância, lisura, compaixão. Educarmo-nos na linha dos valores do coração: bondade, amizade, gratidão, fidelidade, lealdade, ternura, suavidade e meiguice. Não podemos ser formados na escola do poder e da majestade.

o Ter calma e sabedoria nos momentos delicados da vida em família. O discernimento ensina que os pais não podem ser turbulentos na turbulência. Precisam amar de verdade os filhos. Não podemos carregar por toda a vida remorso por atos e gestos que colocamos em momentos impensados.

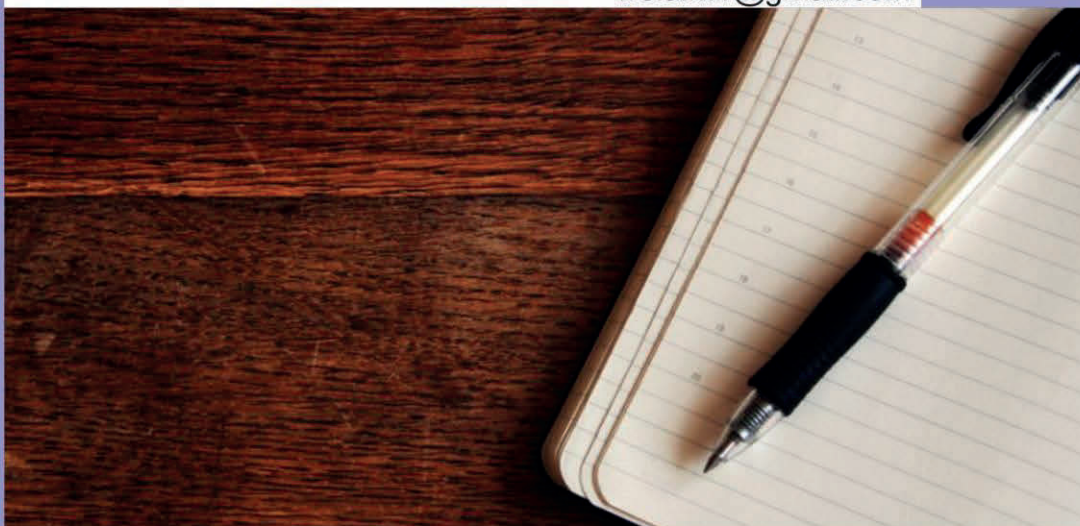
• Vivemos na Igreja. Somos Igreja. Vivemos e respiramos São Francisco. Será mesmo? José Antônio Pagola pode nos ajudar a refletir: “Precisamos atrever-nos a discernir o que há de verdade e o que há de mentira em nosso cristianismo: o que há de verdade e o que há de mentiras em nossos templos e em nossas cúrias; em nossas celebrações e em nossas atividades pastorais; nossos objetivos, projetos e estratégias. Não fechar os olhos. Até quando vamos continuar sem fazer um exame de consciência coletivo na Igreja em todos os níveis? Uma pessoa só se converte e se renova quando reconhece seus erros e pecados; só então lhe é possível voltar à sua verdade mais autêntica” (José Antônio Pagola, Voltar a Jesus, Vozes, p. 49).

## Texto sobre a ação do Espírito Santo como novidade

***O Espírito é novidade. Constantemente se atribui ao Espírito o excepcional, o extraordinário. O Espírito não se compraz com caminhos batidos. Força de vida nova, fonte inesgotável de criatividade, ele é conivente com toda novidade quando esta favorece a vinda do Reino. Com o Espírito a Igreja é como que convidada a percorrer caminhos até então não percorridos.***



## GRANDES Textos



### Um Dia Uma Bela Luz Vai Brilhar...

*De vez em quando entramos em contato com histórias de meninos e meninas que, por diferentes razões, não conheceram seus pais. Muitos desses e dessas lutam a vida toda para encontrarem aquele que a colocou no mundo. O texto-carta abaixo, nada tem a ver com essa problemática. Ao contrário, trata-se de um relato que mostra a nobreza e grandeza da missão da paternidade e da maternidade. Esta "carta" foi fortemente inspirada em publicação da revista francesa da OFS, Arbre, set/out 2008, n. 268, p. 12/13 sob o título de Lettre à Elouan.*

#### Carta a Rodrigo

20 de janeiro de 2009.

**Meu filho,**

se um dia tu te perguntares de onde vieste, saibas que se trata de uma longa história. Tudo começou lá onde teu pai e tua mãe se encontraram, naquela Marataízes do Espírito Santo, numa tarde de verão. Os olhares de teu pai e de tua mãe se cruzaram para nunca mais deixarem de se fixar um no outro. Sim, era verão e aquele verão de 2002 foi terrivelmente quente. Todo mundo se queixava. No coração de teu pai e de tua mãe o calor do amor acendia um fogo que haveria de iluminar nossas vidas. Um dia haveria de brilhar uma bela luz...

**Meu filho,**

se um dia tu te perguntares se é fácil amar, saibas que se trata de uma longa história... trata-se de muito tempo em que se deve ter o cuidado de reservar todos os dias tempo para se olhar, para caminhar juntos na direção de um amanhã que se desconhece. Quantos e tantos telefonemas, quantos quilômetros percorridos de carro ou de ônibus, quantas cartas que foram escritas, quantos

pequenos presentes oferecidos, quantos acessos loucos de riso, quantas lágrimas derramadas... ninguém pode saber. Mas o que eu e Priscila sabíamos é que um dia, uma bela luz haveria de brilhar...

**Meu filho,**

se um dia tu te perguntares se é fácil dizer sim, saibas que é uma longa história que pode começar, por exemplo, por uma declaração de amor feita junto à mesa de um bar quando tomávamos uma água tônica com gelo e limão. Houve o tempo do namoro, dos planos, dos projetos, das cartas, dos telefonemas, de pequenas divergências e diferenças... Houve então a festa do casamento naquele 12 dezembro de 2005, em Miguel Pereira: nossas famílias e alguns de nossos amigos nos cercavam para celebrar conosco esta fabulosa aventura do casamento, na qual tudo estava para ser construído por sobre os fundamentos de nosso amor e de nossa fé num Deus que nos ama e quer nossa felicidade. Nessa ocasião o que era certo é que tínhamos a certeza que uma luz haveria de brilhar....



### **Meu filho,**

se um dia tu quiseres saber se é fácil viver a dois, saibas que se trata de uma longa história feita de compromissos e de promessas. Teus pais procuraram construir um ninho de amor no meio de muitas coisas: o trabalho profissional a ser assumido, a comida a ser feita na volta do trabalho, a limpeza da casa, a missa dos domingos, as visitas aos teus avós. Com esperança, sabíamos que nossas preces dirigidas ao Pai por Cristo, sob os cuidados de Maria, seriam atendidas. Sim, certamente um dia uma luz haveria de brilhar...

### **Meu filho,**

se um dia tu quiseres saber se é fácil ser pai, saibas que se trata de uma longa história. Durante nove meses estiveste ali, silencioso, bem protegido no seio de tua mãe. No dia 20 de junho de 2008 resolveste nascer. Que presente do céu! Haveríamos de alimentar essa bela luz para que ela pudesse jorrar claridade em nossa vida e na vida do mundo.

### **Meu filho,**

se um dia tu quiseres saber se é fácil ser batizado, optar pelo batismo, saibas que eu e tua mãe quisemos que tu entrasses bem pequeno na família de Deus. Cremos que nossa vida tem sentido quando nos deixamos iluminar pela fé nesse Jesus que passou da morte para a vida e se posta diante de todos os seres humanos como luz do caminho e claridade.

### **Meu filho,**

se um dia quiseres saber se é fácil alguém ir se tornando gente, trata-se de uma longa história. Eu e tua mãe prometemos te ajudar... mas a vida é complicada e complexa. Não é fácil crescer em humanidade. Tens tuas origens longínquas na Alemanha e em Portugal... tu trazes marcas que eu e tua mãe te demos... tu nasceste de um casal com suas qualidades e falhas, mas cristão... esperamos que tu possas crescer bem e queremos que nunca deixes de buscar esse Deus que vive em ti. Temos certeza que tu iluminarás as nossas vidas e a vida do mundo como um farol na noite.

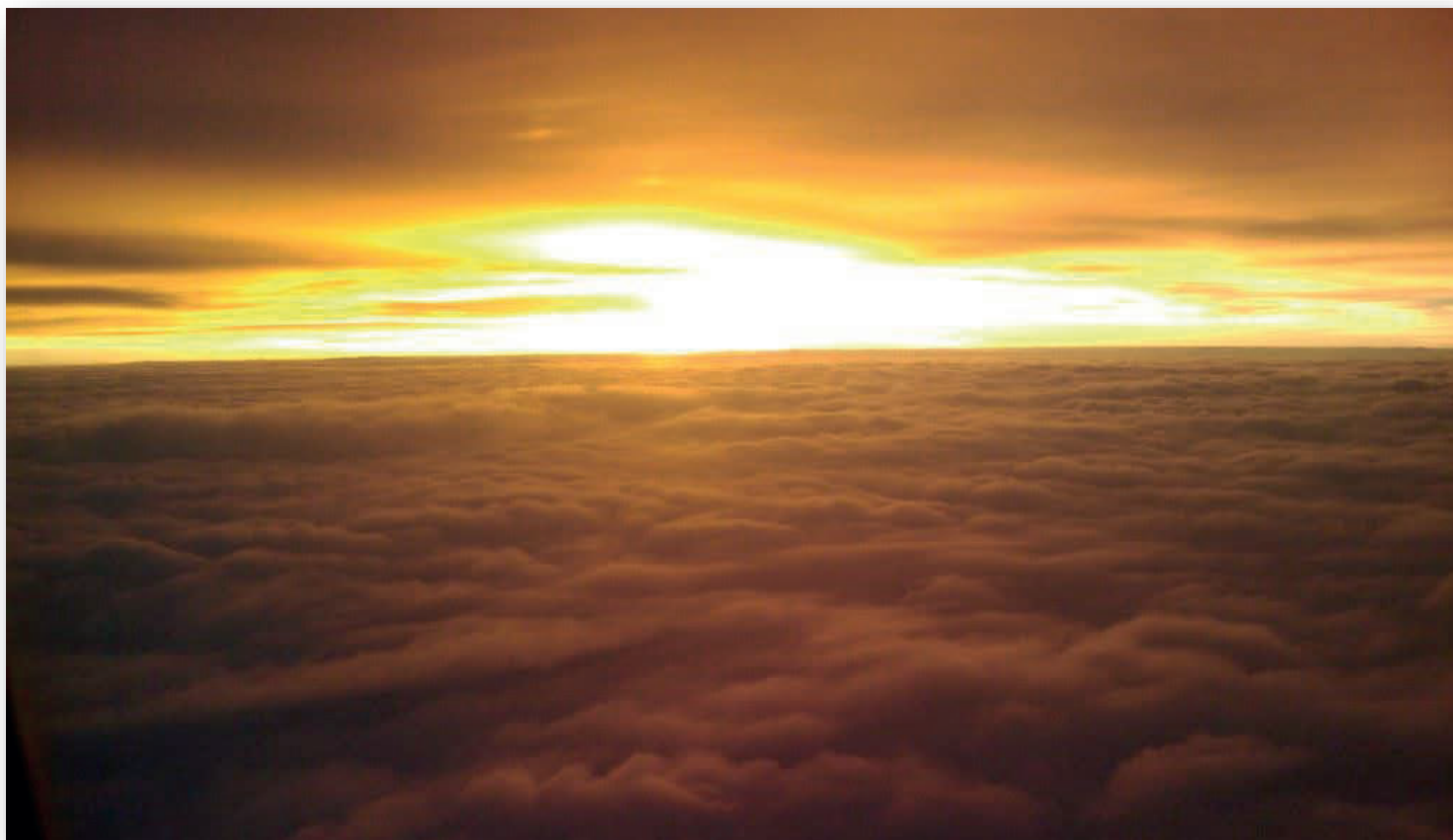
### **Meu filho,**

hoje estamos comemorando teu primeiro aniversário. Ficamos admirados cada dia com os progressos que fazes. Cada dia que passa rendemos graças a Deus por tantas maravilhas. Como Deus é bom! Dentro de alguns meses, Rodrigo, ganharás um irmão ou uma irmã. Vamos ver... e aí vai começar tudo de novo.

### **Meu filho,**

tu és a luz que tanto desejamos.

*Teu pai, simplesmente teu pai.*





## O encontro interpessoal e os cinco níveis de comunicação

*A reflexão a seguir foi baseada no texto de mesmo nome publicado no livro “Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?”, de John Powell, lançado em 2012*

Há uma interpretação de que existem cinco níveis de comunicação pelos quais nos relacionamos com as outras pessoas. Para ilustrar melhor esse contexto podemos imaginar uma pessoa trancada em uma prisão. Ao mesmo tempo em que ela tem uma necessidade de encontrar com o outro, está, também, com medo de fazê-lo. Cada nível de comunicação estará relacionado com um certo grau de disposição da pessoa sair de si e se comunicar com o(s) outro(s).

**E**ste homem na prisão – que pode ser qualquer pessoa – está preso há muito tempo, apesar de as portas não estarem trancadas. Se quiser, ele pode sair. Mas durante todo esse tempo preso de detenção aprendeu a temer os perigos de fora. De certa forma, chega a sentir-se seguro e protegido atrás dos muros da prisão, na qual se mantém como prisioneiro voluntário. A escuridão o protege de ver com clareza; nem mesmo sabe como é sua aparência à luz do dia. Acima de tudo, não imagina como seria recebido pelo mundo que vê pelas grades e pelas pessoas que andam neste mundo. Fica dividido entre ir ao encontro do outro e o medo de ser rejeitado, caso abandone o isolamento.

Esse exemplo faz lembrar o que Viktor Frankl, no livro “Em busca de sentido”, diz sobre seus companheiros de campos de concentração na época do nazismo. Alguns, que sonhavam desesperadamente com sua liberdade,

quando foram libertos, andavam piscando nervosamente à luz do sol; depois voltavam em silêncio para a escuridão com a qual haviam se acostumado por tanto tempo enquanto haviam ficado presos.

Todos nós passamos por esse dilema em algum momento da vida e durante o processo de nos tornarmos pessoa. A maioria dá uma resposta fraca ao convite para o encontro com os outros e com o mundo. A razão é que nos sentimos desconfortáveis quando expomos quem realmente somos. Alguns apenas desejam fazer essa viagem, enquanto outros encontram, de algum modo, a coragem para percorrer o caminho até a liberdade.

A seguir apresentamos os cinco níveis de comunicação. O quinto deles, o primeiro que abordaremos, representa a menor disposição para nos comunicarmos com o outro. Os níveis seguintes indicam, cada vez mais, o sucesso nessa aventura.

### NÍVEL CINCO: CONVERSA CLICHÊ

Resposta mais fraca ao dilema e nível mais baixo de autocomunicação. Na verdade, nesse nível, não há qualquer forma de comunicação, a não ser por acidente. Aqui conversamos através de famosos clichês como: “Como vai? ... Como vai sua família? ... Por onde tem andado? ... Gostei do seu vestido ... É muito

bom encontrar você”. Na verdade, quase nada que dizemos ou perguntamos é verdadeiro. Se o outro resolvesse responder a alguma dessas perguntas com detalhes ficaríamos embaraçados. Felizmente, ela percebe a superficialidade e cumpre sua obrigação dando uma resposta padrão, do tipo: “Vou bem, obrigado”.

Essa é a típica da ausência de comunicação em festas, do encontro no clube ou supermercado. Não há um compartilhar verdadeiro. Parece que todo mundo se encontra para ficar em solidão, mesmo perto uns dos outros, permanecendo em isolamento numa pretensa sofisticação, que é falsa. Isso é bem ilustrado nos versos de Paul Simon, que dizem: “E eu vi na noite





nua de dez mil pessoas, talvez mais, pessoas falando sem dizer, pessoas ouvindo sem escutar, pessoas escrevendo canções que vozes jamais compartilharam. Ninguém se atreveu a perturbar os sons do silêncio”.

#### **NÍVEL QUATRO: RELATANDO FATOS SOBRE OS OUTROS**

Neste quarto nível não vamos muito longe de nossa prisão solitária em direção a uma comunicação real. O motivo é que quase nada expomos de nós mesmos. Nos contentamos em dizer aos outros o que alguém fez ou disse. Não damos nenhum toque pessoal ou de auto-revelação nos comentários; apenas relatamos fatos. Do mesmo modo como, às vezes, diversas pessoas se escondem atrás dos clichês, buscamos proteção nas fofocas, em fragmentos de conversas e nos “casos” sobre os outros. Não oferecemos nada de nós mesmos, nem convidamos o outro a se dar em troca.

#### **NÍVEL TRÊS: MINHAS IDEIAS E JULGAMENTOS**

Neste nível há alguma comunicação sobre a minha pessoa. Estou disposto a dar um passo além do meu confinamento solitário. Corro o risco de lhe falar algumas de minhas ideias e lhe revelar alguns dos meus julgamentos e decisões. No entanto, mantenho minha comunicação sob estrita censura. Observo cuidadosamente as reações do outro à medida que comunico minhas ideias. É como um teste de temperatura antes de me mergulhar. Quero ter certeza de que terei minhas ideias, julgamentos e decisões aceitos pelo outro. Se o outro levanta a sobrancelha ou aperta os olhos, boceja ou olha no relógio, me retiro para um terrero mais seguro. Ou seja, vou me refugiar no silêncio, ou mudar o tema da conversa, ou, ainda pior, começarei a lhe dizer coisas que você gostaria de escutar. Tentarei ser aquilo que poderia lhe agradar.

Algum dia, quando tiver coragem e desejo de crescer como pessoa, despejarei todo o conteúdo do meu coração e da minha mente em você. Será meu momento de verdade. Pode ser que eu já tenha feito isso antes; mesmo assim, você conhece pouco a meu respeito, a não ser que

eu queira avançar para o próximo nível de profundidade na autocomunicação.

#### **NÍVEL DOIS OU NÍVEL VISCERAL: MEUS SENTIMENTOS E EMOÇÕES**

Pode não ter ocorrido a muitos de nós que, mesmo revelando nossas ideais, julgamentos e decisões, ainda há muito de nós por compartilhar. As coisas que mais me diferenciam e individualizam em relação aos outros, o que torna a comunicação de minha pessoa um conhecimento único, são meus sentimentos ou emoções.

Se realmente quero que você saiba quem sou, devo lhe contar sobre meu estômago (visceral) e sobre minha cabeça. Minhas ideias, julgamentos e decisões são muito convencionais. Se pertencço ao partido do governo ou à oposição, tenho muitos companheiros. Se sou contra ou a favor da exploração espacial, terá gente me apoiando na minha convicção. Mas os sentimentos subjacentes às minhas ideias, julgamentos e convicções são unicamente meus. Ninguém pertence a um partido, adota uma convicção religiosa ou se compromete com uma causa sentindo exatamente o meu entusiasmo ou minha apatia. Ninguém experiencia o mesmo senso de frustração, trabalha sob os mesmos medos ou sente minhas paixões.

Nesse nível de comunicação são esses sentimentos que devo compartilhar com você se quiser lhe dizer quem realmente sou.

Para ilustrar, colocaremos abaixo um exemplo de julgamento e possíveis reações emocionais a este julgamento. Se lhe falo apenas o conteúdo da minha mente, estarei guardando um bocado sobre minha pessoa, especialmente nas áreas nas quais sou mais pessoal, individual, mais profundamente eu mesmo.

Julgamento: Eu acho que você é inteligente...

Algumas possíveis reações emocionais:

*... e me sinto enciumado;*

*... e me sinto frustrado;*

*... e me sinto orgulhoso de ser seu amigo;*

*... e isso me deixa desconfortável diante de você;*

*... e me sinto inferior a você;*

*... e me sinto impelido a imitar você;*

*... e tenho vontade de fugir de você;*  
*... e tenho vontade de humilhar você.*

A maior parte das pessoas sente que o outro não toleraria tal honestidade intelectual na comunicação. Preferimos defender nossa honestidade alegando que poderíamos magoar o outro, e transformando nossa falsidade em nobreza, iniciamos relacionamentos superficiais e não ajudamos os outros a crescer. Enquanto isso, temos que viver com emoções reprimidas – caminho perigoso e autodestrutivo para se trilhar. Qualquer relacionamento que pressuponha um encontro verdadeiro e pessoal deve ser baseado nessa comunicação honesta, aberta, visceral. A outra alternativa é permanecer na minha prisão e viver, passo a passo, a morte como pessoal.

#### **NÍVEL UM: A COMUNICAÇÃO CULMINANTE**

Todas as amizades profundas e autênticas, de modo especial os casamentos, devem ser baseados em absoluta abertura e honestidade. Algumas vezes torna-se difícil a comunicação visceral, mas é exatamente nesses momentos que ela é mais necessária. Entre amigos íntimos haverá, algumas vezes, uma comunhão emocional e pessoal completa.

Em nossa condição humana, esse nível de comunicação não pode ser uma experiência permanente. Mas existem momentos em que o encontro atinge uma comunicação perfeita. Sei que minhas reações são compartilhadas inteiramente por meu amigo; minha alegria ou tristeza é duplicada nele com perfeição. Somos como dois instrumentos musiciais tocando exatamente a mesma nota, emitindo o mesmo som. É a isso que chamamos de nível um, a comunicação culminante.

#### **PARA REFLETIR:**

- Me sinto disposto para me comunicar com os outros ou recorro aos clichês para não me expor?
- Quais níveis de comunicação tenho vivenciado em família? E com meus amigos?
- Tenho conseguido viver níveis mais profundos de comunicação em fraternidade?

Retratos da

Mossa  
Gente



## Santa Dulce dos Pobres ou simplesmente Irmã Dulce: Uma Santa do nosso tempo

*“Foi uma vida de profunda vivência e amor aos pobres, sendo essa a marca indelével de sua prática de vida religiosa.”*

Santa Dulce foi uma cristã autêntica, uma dessas pessoas que não apenas passou na terra como um ser qualquer. Fez questão de ser simples, religiosa comum. Porém, suas ações foram tão grandes, tão intensas, que despertou reverência e admiração de todas as camadas da sociedade, ricos e pobres. Aliás, estes últimos, os pobres, ela abraçou com todo vigor, assemelhando-se a São Francisco de Assis, no cuidado e na vivência com os abandonados e desafortunados.

A história do catolicismo no Brasil sempre foi, predominantemente, desde a colonização, tão influente, que marcou esse tempo, alguns desvios, mas também muitos acertos e ainda nos revelou, ao longo da trajetória, muitas personalidades, mas agora estamos vivendo um momento ímpar, no dia 13 de outubro de 2019, foi canonizada Santa, a doce Dulce, Irmã Dulce, o anjo bom da Bahia, que recebe o título, mais que merecido, de Santa Dulce dos Pobres.

Vendo a pobreza cada vez mais crescente, junto com o crescimento populacional da cidade de Salvador, Bahia,

onde nasceu, cresceu e deu seus primeiros passos, ela acolhia, abraçava, rezava e buscava suprir as necessidades daquela gente pobre, largada nas ruas da capital baiana, sem atendimento médico e sem comida.

Esse cuidado com os mais carentes era um hábito que cultivava desde jovem, pois enchia a casa dos pais acolhendo os doentes. Sua primeira missão após a profissão religiosa, foi ensinar em uma escola da congregação e cuidar dos pobres da sua região. Esse trabalho foi crescendo, tomando todo o seu tempo e dimensão gigantesca, sempre atraindo colaboradores e benfeitores.

Ao lado do Frei Hildebrando Kruthanp ajudou a fundar o primeiro movimento cristão operário da Bahia, a União Operária São Francisco. Com esse Frei criou o Círculo Operário da Bahia, que tinha o apoio de três

*Santa Dulce não é uma santa dos livros e das lendas, é real, é do nosso tempo, a vimos receber e ter um encontro com outro santo da nossa contemporaneidade, o papa João Paulo II, nos anos 80, quando esteve no Brasil e recebeu uma bênção especial.*

cinemas. Inaugurou o Colégio Santo Antônio, voltado para os operários e seus filhos. Para acolher os doentes, invadiu cinco casas na Ilha do Rato, em Salvador, quando foi expulsa do lugar, peregrinou por vários outros, quando recebeu a permissão da superiora de seu convento para transformar o galinheiro em espaço para acolher os doentes, sendo transformado mais tarde em Hospital Santo Antônio, que foi ampliado e hoje atende milhares de pessoas carentes.

De sol a sol, dia e noite, ela mesma cuidava de cada um com esmero e sempre acreditou na providência divina que vinha através de doações e dos serviços voluntários dos admiradores e de pessoas que vendo seu testemunho sentiam-se tocados e chamados a também dar testemunho de vida cristão de amor, caridade e de doação, como fez Jesus.

Santa Dulce não é uma santa dos livros e das lendas, é real, é do nosso tempo, a vimos receber e ter um encontro com outro santo da nossa contemporaneidade, o



papa João Paulo II, nos anos 80, quando esteve no Brasil e recebeu uma benção especial. Foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz pelo então presidente José Sarney, com a justa adesão da rainha Silvia da Suécia.

A miraculada, ou seja, aquela que foi agraciada com o primeiro milagre, podemos vê-la, tocar, está viva, é Ana Cristina Baraúna, reside

em uma pequena cidade chamada Malhador, interior de Sergipe, e teve complicações no parto, uma hemorragia forte, foi desenganada pelos médicos em uma maternidade próxima a sua cidade, em Itabaiana. O Padre José Almir de Meneses, visitando o hospital rezou pedindo a intercessão de Irmã Dulce e ela foi curada, para a surpresa dos médicos.

Santa Dulce é a primeira santa mulher nascida no Brasil, já reconhecida em várias partes do mundo, que enche de orgulho os brasileiros e com certeza os altares do céu se iluminaram com sua chegada e deve ser nosso grande exemplo, não apenas para venerá-la, mas para imitá-la.

## HISTÓRIA

Santa Dulce dos pobres, nasceu em Salvador, Bahia, em 26 de maio de 1914 e teve sua passagem para a eternidade no dia 13 de março de 1992, portanto, muitos de nós já nascidos e conhecedores de perto ou pela impressão dos feitos dessa pequena/grande mulher.

O nome de nascimento é Maria Rita, que passou a se chamar irmã Dulce em homenagem a sua mãe Dulce Maria de Souza Brito, quando da sua profissão religiosa, pois havia o hábito de mudar de nome quando se assumia a vida religiosa.

O fortalecimento de sua espiritualidade se deu em terras do Estado de Sergipe, no Convento das Carmelitas, na cidade histórica de São Cristóvão, próxima a capital sergipana, onde foi estudar e aprofundar sua vocação.

Foi em Sergipe o reconhecimento do seu primeiro milagre, que a tornou beata, em 3 de abril de 2009, por decreto do hoje emérito Papa Bento XVI, por reconhecer as virtudes heróicas de Irmã Dulce. Seu corpo foi exumado, velado e novamente sepultado no dia 9 de junho de 2010 e em 27 de outubro do mesmo ano foi declarada Beata e no dia 22 de maio de 2011, Irmã Dulce foi beatificada em Salvador, em missa solene, presidida pelo enviado especial do Papa Bento XVI, Dom Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo emérito de Salvador, e passou a ser reconhecida como "Bem-Aventurada Dulce dos Pobres".

O Segundo milagre foi de um baiano, maestro soteropolitano José Maurício Moreira, cego por quatorze anos, por conta de um glaucoma e passou a enxergar depois de pedir a intercessão à Santa Dulce. A doença danificou o nervo que faz a ligação do olho ao cérebro e especialistas afirmaram que cientificamente, uma pessoa nessas condições não tem como enxergar.

Em Salvador, em 13 de outubro de 2019, foi canonizada pelo Papa Francisco, tornando-se a primeira mulher comprovadamente nascida no Brasil a ser canonizada. Em terras baianas, onde nasceu e viveu maior parte de sua missão e em terras sergipanas, onde fez a sua Profissão de fé religiosa, sendo consagrada, os católicos celebraram, com júbilo, esta data marcante.



Daqueles que  
*Servem*



## A SECRETÁRIA NA FRATERNIDADE LOCAL

Queridos Irmãos e Irmãs,

Paz e Bem!

Este membro do Conselho local responde por uma função estratégica essencial para a organização da vida da Fraternidade. Em muitos momentos, funciona como um moderador(a) do(a) Ministro(a). Para isto deve estar sempre com os documentos em ordem. É nele (a) que o Ministro(a) se apoia para obter e fornecer as informações mais importantes.

Conforme cita o artigo 52 das Constituições Gerais são atribuições desta função:

**a. redigir as atas oficiais da Fraternidade e do Conselho e cuidar do seu envio aos respectivos destinatários;**

Conforme diz esta alínea, após a redação das atas, é preciso notar que o Ministro (a) deve revisá-la antes de ser lida para o Conselho e isto feito, se ainda houver correções, devem ser realizadas, para depois serem assinadas e consideradas documentos oficiais. Elas devem ser arquivadas em ordem de data e mantidas à disposição dos Conselhos Superiores. Se digitadas ou em livro, devem ser mantidas em ordem no tempo regulamentar, ou seja, até a reunião subsequente à seguinte. Ser encaminhadas aos destinatários, quando for o caso.

**b. cuidar da atualização e da conservação do arquivo e dos registros, anotando neles as admissões, as profissões, os**

**falecimentos, as saídas e as transferências da Fraternidade;**

Este trabalho é fundamental e deve ser mantido em ordem diuturnamente. Caso falte o Secretário (a), isso precisa estar em ordem para quem possa precisar dos documentos. Cada irmão/irmã, com o avanço da tecnologia, precisaria ter o seu arquivo físico e digital. O Conselho Nacional já disponibiliza para todas as Fraternidades o arquivo digital, que as secretarias devem conhecer, utilizar e atualizar, mas é importante também o arquivo físico, necessário tanto à própria Fraternidade como aos Cartórios quando existe a personalidade jurídica. O modo e a disposição dos arquivos precisam ser de conhecimento do(a) Ministro(a). Se a Fraternidade tem até cerca de 30 membros, tudo pode funcionar com apenas um(a) secretário(a), mas para um número maior convém que trabalhem ao menos em duas pessoas. Geralmente há modelos previamente elaborados para uso da Secretaria, e se a Fraternidade carece desse material deve solicitar ao

Regional ou a uma Fraternidade mais antiga.

**c. providenciar a comunicação dos fatos mais relevantes aos vários níveis e, se for o caso, a divulgação pelos meios de comunicação social.**

Os fatos mais relevantes da Fraternidade devem ser providenciados em forma de crônicas anuais, para delas ser dada ciência a toda a Fraternidade, serem enviadas aos níveis superiores e, eventualmente até serem publicadas num site, ou blog, caso a Fraternidade local disponha desse meio. Isto seria muito louvável para que a OFS Local, Regional, Nacional e Internacional fossem construindo suas histórias de modo que nada se perdesse. É preciso rezar nossa história. Precisamos agradecer a Deus o que conseguimos realizar, pois cremos que Ele nos conduz com seu Espírito Santo. Diante Dele, avaliar todo o bem que alcançamos, o que deixamos de realizar e o que precisamos fazer para



recuperar, ou restaurar eventualmente elementos perdidos no tempo.

Para isso, ousou colocar aqui alguns itens que considero importantes numa crônica de uma Fraternidade local. São quesitos que podem ser complementados conforme as circunstâncias, mas reafirmo que as Crônicas são muito importantes para todas as Fraternidades. Por isso defendo que o Secretário(a) deve trabalhar em equipe, pois esta também é uma missão atrelada à Secretaria.

### COMO COMPOR AS CRÔNICAS

Devem conter os seguintes registros:

1- Se for o início de registro das crônicas, relatar as datas precisas e as circunstâncias da fundação da Fraternidade, com os nomes dos fundadores, as eventuais reformas do espaço (se é de propriedade da

fraternidade) e da Igreja, se houver. Quando se usa o espaço de uma paróquia, deve-se mencionar o nome e os dados históricos mais importantes de sua existência, bem como o marco do início do uso pela OFS.

2- Os fatos relacionados à fraternidade, como por ex.: admissão, formação, profissão, jubileu, doença e falecimento, visitas importantes.

3- Acontecimentos eclesiais como: visita pastoral do Conselho Superior, participação em congressos, festas extraordinárias.

4- O movimento da Fraternidade em ações sociais.

5- Atos importantes de administração como: compras, vendas, doações.

6- Acontecimentos políticos ou outros mencionados em artigos de jornal ou revistas.

7- Fatos interessantes da vida apostólica e da fraternidade, lutas e dificuldades.

8- Guardem-se, em pasta especial, os documentos, fotografias, revistas e recortes de jornal, que digam respeito à Crônica da Fraternidade, todos numerados e catalogados com indicação do assunto, da fonte e data. Futuramente tais arquivos poderão ter grande valor histórico.

9- As crônicas sejam apresentadas e aprovadas em Reunião do Conselho local anualmente.

10- Seja indicado, na margem esquerda da Crônica, o assunto de cada trecho, sublinhando-o.

11- Por ocasião da Visita Fraterna Pastoral, os lançamentos das Crônicas devem ser apresentados.

<b>FICHA PARA ASSINATURA DA REVISTA PAZ E BEM</b>				
<b>Nome Completo:</b>				
<b>Telefone:</b>		<b>e-mail:</b>		
<b>Endereço:</b>			<b>Número:</b>	
<b>Complemento:</b>	<b>Bairro:</b>	<b>Cidade:</b>	<b>UF:</b>	<b>CEP:</b>
<b>Fraternidade:</b>			<b>Data de Nascimento:</b>	

A revista é bimestral, ou seja seis exemplares por 1 (um) ano. O pagamento é antecipado no valor de R\$ 45,00 (Quarenta e cinco reais). As revistas serão enviadas pelo correio.

Lembramos que a assinatura será válida após o envio da xerox do comprovante de pagamento na forma que você preferir:

- Depósito direto nos bancos:

Bradesco- agência 3176-3 - conta corrente 13122-9

Banco do Brasil- agência 0392-1 - conta corrente 13907-6

Toda e qualquer forma de pagamento deverá obrigatoriamente ser efetuada em nome da Ordem Franciscana Secular do Brasil.

Seja assinante da Revista Paz e Bem. A revista mais franciscana do Brasil!

**Favor enviar comprovante para: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)**

# NOSSO PATRIMÔNIO



## Importância Espiritual do Santuário de **SÃO DAMIÃO**

### UM POUCO DE HISTÓRIA

Antes de Cristo, Assis já era uma cidade romana. Quando os primeiros cristãos se estabeleceram por lá, já havia fora da cidade um santuário dedicado ao deus da saúde. Os assisienses cristãos continuavam a visitar o local em busca de saúde, mas dedicaram-no aos santos Cosme e Damião, conhecidos como irmãos e como médicos.

A história do santuário tem seus altos e baixos, momentos de esplendor, períodos de abandono e de descaso. Um dos melhores tempos foi o dos monges beneditinos, nos séculos XI e XII. Outro período que merece destaque foi o de Santa Clara e suas Irmãs Clarissas, entre 1212 e 1260. No século XVI esteve nas mãos dos Franciscanos, e depois disso esteve um bom tempo praticamente abandonado, pertencendo aos leigos. Só voltou ao esplendor agora nos séculos XIX e XX.

Quando São Francisco entrou pela primeira vez em São Damião o crucifixo já estava lá. Devia estar, provavelmente, há cerca de 100 anos, desde o tempo dos beneditinos.

São Damião está ligado ao Crucifixo, ao tempo em que Francisco esteve escondido, ao seu trabalho de pedreiro, a Oração diante do Crucifixo, ao Cântico de Frei Sol, a Clara, até a sua morte e de Santa Inês de Assis.

Quando as Clarissas foram transladadas para o proto-mosteiro de Santa Clara, ao lado da antiga Igreja de São Jorge, levaram o crucifixo e o guardaram lá dentro do mosteiro. Permaneceu por lá até o século XX e era praticamente desconhecido. Quando redescoberto, foi restaurado e apresentado ao público por ocasião do sétimo centenário da morte de Santa Clara (1953).

## IMPORTÂNCIA ESPIRITUAL DO SANTUÁRIO

### Francisco e Clara

**N**ão há dúvida de que a experiência de São Damião foi um dos marcos mais importantes da conversão e da espiritualidade de São Francisco. Ainda podemos dizer que São Damião foi o berço do Franciscanismo.

Depois de uma busca de quase dois anos, sobre o que Deus queria com ele ("Senhor, que queres que eu faça?"), foi aí que ele se surpreendeu com esse Cristo luminoso e fez a

primeira oração que conhecemos: "Sumo e glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração. Dai-me uma fé reta, esperança certa, caridade perfeita, bom senso e conhecimento, Senhor, para que eu cumpra o vosso santo e verdadeiro mandamento".

Vale destacar que a "Oração diante do Crucifixo de São Damião" é a primeira que conhecemos. A última deve ser o "Cântico ao Frei Sol". Na primeira ele era jovem e se sentiu escuro no interior. Na última estava

cego, doente, no fim de sua vida e em pleno inverno, sua oração já era toda luz, luz interior.

Foi em São Damião que ele recebeu a missão de "restaurar a Igreja": "Francisco, vai e restaura minha casa que, como vê, está em ruína (2 Cel 10). E, imediatamente cumpriu a "ordem" do Crucificado, restaurando três igrejas: a de São Damião, a de São Pedro e a pequena "Porciúncula".



Esta é, também, a nossa missão! Nós, como seguidores do Evangelho a exemplo de São Francisco, podemos, também, restaurar três igrejas que estão em ruínas: o homem, a família e a Igreja institucional.

Restaurar o homem-igreja, templo de Deus, morada do Espírito Santo. Iniciando com a própria pessoa, por si próprio, pela conversão que, “devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias” (R.7).

Segundo, a família, a igreja doméstica. A família, célula “mater” da sociedade. A nossa família, a nossa casa, deve ser o endereço de Deus. Fazer com que nossas famílias revalorizem o amor. Fazer de cada casa, a começar pela nossa, o lugar privilegiado de Deus, de oração, de amor.

Terceiro, a Igreja institucional. Fazer com que a nossa Igreja seja a nossa comunidade, a reunião das famílias, não um aglomerado de pessoas desconhecidas.

Santa Clara conta que um dia, quando ele trabalhava em São Damião, Francisco sentiu-se todo tomado pelo Espírito Santo, subiu uma parede e começou a cantar em francês. Quando se juntaram os pobres da redondeza, ele pediu ajuda para construir o Mosteiro, onde iriam viver umas mulheres de vida santa, cujo exemplo seria uma luz para toda a Igreja. Verdadeiras “Chamas Vivas” para iluminar e guardar o santo sacrário.

Deus fez se cumprir essa profecia: foi em São Damião que ele

acolheu Clara e suas Irmãs, cuidando da sua “plantinha” e trocando muitas experiências de Deus com essa Irmã santa. Daí veio a espiritualidade que, hoje, chamamos “franciscariana”.

O lugar adquire significado religioso a partir da “graça” que Deus derramou sobre Francisco e depois sobre Clara; é a graça que o torna santuário: aqui amadurece a vida evangélica, desenvolve a vida de intimidade com Deus.

Clara formou nesse local um novo estilo de vida religiosa, teve uma experiência profunda do Crucificado, escreveu sua Regra, o Testamento, a Bênção e as Cartas.

Francisco deu-lhe a primeira Forma de Vida, para observar com suas Irmãs. Mas ela redigiu de forma definitiva, depois de 1250, tendo obtido a aprovação do Papa Inocêncio IV, no dia 9 de agosto de 1253, quase na véspera de sua morte. Foi a primeira Regra escrita por uma mulher na história da Igreja.

As Cartas de Santa Clara são um dos maiores tesouros. Nelas o pensamento lícido e profundo de Clara sobre a espiritualidade consegue dar-nos um retrato bem completo de sua interioridade. Ela escreveu porque tinha uma experiência de Deus para comunicar. Supreendentemente alegre (uma característica franciscana), no meio de uma vida penitente, que pode nos espantar, ela tinha que comunicar o dom que recebera. A “plantinha” de São Francisco, não é uma simples discípula, é a mãe da família franciscana.

Os grandes fundamentos de sua espiritualidade são os mesmos de São Francisco: Jesus pobre e crucificado, os esponsais, sua pobreza, a fraternidade, a contemplação, a penitência equilibrada. Mas ela ainda tem diversos pontos originalíssimos em seu ensino espiritual, principalmente quando fala da contemplação do seu espelho de Jesus Crucificado. As famosas três vias são resumidas num magistral: “olhe, considere, contemple”.

A importância espiritual do Santuário não está no Santuário em si, como uma igreja construída, mas nas pessoas que ali viveram. A importância espiritual está desde a intuição de Francisco para entrar no Santuário, local em que encontra o CRISTO CRUCIFICADO, VIVO E RESSUSCITADO, onde ele rezou: “...iluminai as trevas do meu coração...”; está na missão que recebeu do Senhor; está na restauração do Santuário, “onde iriam viver umas mulheres de vida santa, cujo exemplo seria uma luz para toda a Igreja”; está na vida de São Francisco e de Santa Clara e suas Irmãs; está nos fundamentos de suas espiritualidades, ou seja, na experiência de Deus que tiveram e no legado para toda Família Franciscana.

Concluindo, meus irmãos e irmãs, todo o segredo destes grandes Santos da Igreja é um só: terem sido enamorados de Jesus, e de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado!

#### **Bibliografia:**

- O Crucifixo de São Damião - Centro Franciscano de Espiritualidade – 2003. Frei José Carlos Pedroso, OFM Cap.





## Formação:

# *Estudo, Espiritualidade e Resistência*

Clara e Francisco de Assis nos oferecem uma proposta de conversão integral. O carisma que escolhemos (ou que nos escolheu) é a possibilidade de uma mudança total de vida, interferindo em todos os âmbitos e - por ser relacional o próprio Deus - influenciando diretamente nas relações. A abertura para o chamado franciscano pede uma ruptura com o que é posto e um repensar do modo pelo qual estamos acostumadas e acostumados a compreender, sentir e agir. A partir dessa ideia, aprofunda-se o contato com Deus, em Fraternidade - com as irmãs e irmãos -, com a Sociedade e com a Criação. A manifestação do amor celeste passa a ser mais viva e intensa, se assim for vista, e cada Ser passa a ter seu espaço equivalente na prioridade do cuidado e atenção.

**A** exemplo da entrega ousada de Clara e do despojar-se profético de Francisco, a vocação leiga também nos impulsiona a estreitar os laços com o Pai por meio do abandono: das nossas antigas convicções, do nosso apego material, do orgulho e dos hábitos rotineiros que nos impedem de aceitar a nossa irmã, a Mãe Terra, como parte igual da Criação - e não como serva do homem.

A opção franciscaniana, portanto, não nos permite um olhar sistematizado. Não basta o aprofundamento do sentir, sem compreender e sem agir. Não basta a compreensão total dos ensinamentos, sem que sejam sentidos e colocados em prática. Da mesma forma, não basta um agir desenfreado, sem o inundar do Divino e a indicação do caminhar de Clara e Francisco. Inspirados na fala atribuída a Clara, ao acalmar o coração de Francisco quando esse era atormentado pelas angústias humanas, lembramos que “Deus é e basta”. E Deus é a Integralidade,

o Todo, o Tudo - assim já manifestava nosso Pai Seráfico: “meu Deus e meu Tudo”.

Deus, que se manifesta na Trindade Santa, é Completo, Relacional e Simples. Uma totalidade que se apresenta em três. A face do Deus criador, onipotente e onipresente, que nos apresenta a percepção de tudo que existe e nos acompanha em cada respirar. A presença extasiante do Espírito, que na mística convida e cativa, cedendo a certeza da existência de uma Força Superior. E a face humana de Cristo, pobre e marginalizado, frágil e real, de um Deus que se fez menino para estar mais perto da humanidade.

Da mesma maneira, a Formação na caminhada franciscaniana deve ser entendida como uma completude que se ramifica (mas não se separa!). Ao contrário, que só encontra seu sentido de existir se for manifesta em três faces: Estudo, Espiritualidade e Resistência. Equilibrando, assim, o pensar, o sentir e o agir.

### NECESSIDADE DA BUSCA CONSTANTE

A sede do conhecimento é motivada pelo desejo de aprofundar-se naquilo que gostamos. Se escolhemos viver nosso carisma, andar em cima das pegadas de Clara e Francisco, é disso que gostamos - é essa vida que amamos! Portanto o mergulho nos materiais, a atenção às Fontes, aos Escritos, é mais que uma obrigação, é uma

verdadeira consequência lógica da nossa tentativa diária de ser mais entregue aos desígnios divinos.

Francisco foi capaz de cativar multidões pelo seu agir simples e palavras apaixonadas. Tomás de Celano contou que, inebriado ao ouvir o Evangelho que foi parte importante da sua conversão e impulso pra missão, o Pobrezinho de Assis “com grande fervor e júbilo começou a





pregar a penitência, a todos edificando com a simplicidade das suas palavras e a generosidade do seu coração. A palavra era nele como fogo devorador: penetrava no âmago dos corações, suscitando o entusiasmo de todos” (1Cel 23). É da mesma fonte que precisamos beber para que, com o mesmo entusiasmo, possamos seguir com a reconstrução da Igreja de Cristo.

Particularmente, tenho convicção que para se apaixonar pelo carisma francisciano basta conhecê-lo.

Infelizmente, nem todas as pessoas se deixam ser tocadas ou se permitem um contato mais íntimo com essa forma de vida. Nós, que já estamos ou iniciamos essa relação, precisamos pautar o estudo da vida de Clara e Francisco, de seus ensinamentos, para que também nós possamos comungar dessa vivência plena do Evangelho de Cristo. Afinal, a forma pela qual eles compreenderam e viveram o caminho de Jesus é o nosso maior modelo – e só é possível viver ao aprofundar o conhecer.



### TUDO ESTÁ INTERLIGADO

De nada adianta conhecimento ou atuação se não houver uma profunda ligação com o Altíssimo.

Foi na experiência de Francisco com o Amor que ele pôde compreender as fragilidades humanas e a necessidade de todas as pessoas se debruçarem a essas para também compreenderem o Amor. Clara e Francisco souberam admirar o Pai na sua face mais humilde, atenta, carinhosa e acolhedora. Souberam se compadecer do sentimento tão grande que foi capaz de Se deixar. Se deixou ser simples ao nascer no Presépio, se deixou como alimento ao ser presença viva e real no Pão, se deixou sofrer ao morrer pela mais dolorida das mortes, na Cruz.

O embasamento do Estudo e a atuação Resistente só fazem sentido se forem interligados pela certeza de um Amor maior. Pela admiração e compadecimento pela Paixão de Cristo, pela vontade de sentir e se entregar da mesma forma que o Filho, ao se permitir emocionar por tanto cuidado dEle por nós.

É necessário que façamos como Clara: enamorar-se do Cristo. Olhar, considerar, contemplar a grandiosidade da Eucaristia. Abraçar a Dama Pobreza e não só vê-la como a maior das virtudes, mas também fazer dela a forma de vida escolhida diariamente. É imprescindível que saibamos a importância de nos fazer refletir no Espelho em que vemos Cristo.

A Santa de Assis convida a deixar-nos transbordar desse Amor em suas muitas formas: “Preste atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio (cfr. Lc 2,12)! Admirável humildade, estupenda pobreza! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra (cfr. Mt 11,25) repousa numa manjedoura. No meio do espelho, considere a humildade, ou pelo menos a bem-aventurada pobreza, as fadigas sem conta e as penas que suportou pela redenção do gênero humano. E, no fim desse mesmo espelho, contemple a caridade inefável com que quis padecer no lenho da cruz e nela morrer a morte mais vergonhosa” (CIn 19-23).

## ARRISQUEMOS VIVER POR AMOR

É na manifestação diária do que pensamos e sentimos, por meio da demonstração clara do que optamos por viver, que o carisma franciscano se evidencia por completo.

Resgatando as palavras do Francisco de Roma, na Encíclica *Laudato Si'*, sabemos que o Francisco de Assis “manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (LS 10).

A partir da base sólida que o Estudo nos dá, da sensibilidade que a Espiritualidade promove, é necessária a nossa Resistência! Que nada mais é que o nosso agir, mas sem ignorar que o mundo que nos cerca, que o governo que nos rege, e que o sistema econômico que pauta todas as nossas relações são, hoje, contrários a tudo aquilo que queremos e pregamos.

A Civilização do Amor, que o Papa Francisco nos convoca a construir, só vai ser realizada por nós a partir da nossa atuação: profética, ousada e firme.

Por isso a necessidade urgente da nossa movimentação, articulação e ocupação dos espaços de representatividade social. Como franciscanas e franciscanos, somos chamados a AGIR! Na defesa da Casa Comum, no objetivo de resguardar nossos ideais, na ideia de fazer acontecer tudo aquilo que sentimos e pensamos.

Viver o carisma franciscano, hoje, é ser Resistência. É não ter medo de se posicionar, de fazer diferente, de arregaçar as mangas e ir ao encontro do leproso atual – não importando quantos preconceitos ou julgamentos serão enfrentados por isso. O próprio Cristo foi julgado pelo povo e morreu na Cruz. Clara e Francisco precisaram fugir para viver na plenitude a Vocação.

Hoje, como Família Franciscana, abraçamos esse ideal e fazemos de cada dia uma nova tentativa de seguir os passos da Mãe e do Pai de nossa Ordem, no caminho que leva ao Altíssimo e Glorioso Deus.



A silhouette of a person standing on a cliff edge with their arms raised in a gesture of praise or prayer. The background is a soft, warm sunset sky transitioning from purple at the top to orange and yellow near the horizon. The person's shadow is cast on the cliff face.

## **NO SOPRO DO ESPÍRITO**

Dá-nos teu Espírito, Senhor:

Onde não há o Espírito surge o medo.  
Onde não há o Espírito a rotina invade tudo.  
Onde não há o Espírito a esperança murcha.  
Onde não há o Espírito não podemos  
reunir-nos em teu nome.

Onde não há o Espírito esquece-se o essencial.  
Onde não há o Espírito introduzem-se normas.  
Onde não há o Espírito o futuro se obscurece.  
Onde não há o Espírito não pode brotar a vida.

Dá-nos teu Espírito, Senhor!

F.Ulíbarri

## **FRANCISCO, ENAMORADO DE CRISTO**

Diante da pessoa de Jesus,  
a atitude de Francisco de Assis é toda de amor.  
Poderia ser de curiosidade, interesse,  
de temor, mas não. É toda gratidão,  
assombro, encanto.

Quando depois da proeza de beijar o leproso,  
Cristo lhe aparece na capelinha de São Damião,  
crucificado, mendigo, pedindo-lhe  
ajuda, a alma de Francisco  
fica verdadeiramente “colada” à pessoa de Jesus.

Toda a sua vida foi um processo de enamoramento.  
Progressivo em intensidade,  
mas a qualidade da relação,  
essa ficou definida desde aquele momento:  
era amor, só amor.

Não queremos dizer que não entrassem  
nele outros sentimentos;  
o queremos acentuar é que nunca houve  
uma involução egoísta sobre si mesmo,  
nem uma diversão distrativa para áreas laterais,  
mesmo apostólicas, que desfocassem o seu olhar.

A pessoa de Jesus, como ponto de mira,  
e o enamoramento, como  
forma de relação, definem a sua atitude.

Esta referência enamorada à pessoa  
de Jesus pertence ao cerne  
da espiritualidade franciscana.

É a fibra mais íntima  
e mais fina da alma de Francisco.

Frei David Azevedo, OFM  
São Francisco fé e vida  
Editorial Franciscana, Braga (Portugal), p. 22.



ÓRGÃO OFICIAL DA  
ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR DO BRASIL

**Igreja de São Francisco da Prainha**  
Adro de São Francisco, s/nº - Bairro da Saúde,  
CEP: 20081-290 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefax: (21) 2240-4565 e 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Caixa Postal: 50052 - CEP 20050-971